NÚMERO 64 | 15 DE MARÇO A 15 DE ABRIL DE 2008 | 1 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA



"Eu critico o terrorismo, mas nom podo condenar a luita palestiniana, porque é contra umha ocupaçom"

Ghaleb Jaber Ibrahim, empresário de origem palestiniana

PÁGINA 5



O conflito lingüístico que 'nom existia' reaparece na rua

O conflito lingüítico, sempre negado polas instituiçons da Galiza, foi-se relaxando nas últimas décadas. Nos últimos anos setenta e primeiros oitenta eram freqüentes as interrupçons de discursos se estes eram proferidos em castelhano. No entanto, com a atomizaçom social, também os galego-falantes fôrom perdendo vontade de ganhar espaços para a sua língua na rua. Infelizmente, com esta distensom, quem foi perdendo e espaços da vida pública foi a língua galega, cujos falantes se tornárom menos incisivos na defesa dos seus direitos. Com a proximidade das eleiçons estatais de 2008, irrompeu com certa força um fenómeno até agora praticamente desconhecido no nosso País. Na legislatura do lema "España se rompe", repetido sem descanso por meios de comunicaçom de tendência conservadora ou liberal, unidos pola 'urgência' de um espanholismo mais intransigente, vários colectivos surgiam activos como nunca se tinha visto em defesa dos direitos dos hispanófonos na Galiza. O pretexto, na seqüência da aprovaçom do decreto de promoçom do galego no ensino (124/2007), era a reivindicaçom do direito dos pais e maes a decidirem sobre a educaçom dos seus filhos, neste caso em termos do idioma escolhido. A situaçom nom deve ser confundida com umha mera concorrência eleitoralista. Seria preocupante para o idioma que, na actual situaçom de declínio de falantes, os sectores que querem dar a machetada definitiva ao galego, tomassem a rua. Porém, os colectivos mais comprometidos com a normalizaçom lingüística julgárom necessário fazer frente aos extremistas, e os seus actos sofrêrom boicotes de grupos locais e espontáneos de quase todas as vilas e cidades por que passárom. / Pág. 14



Militar ferrolano preside umha empresa que comercia com bombas de fragmentaçom

ASSESSOROU MINISTROS DE DEFESA TANTO DO PP COMO DO PSOE

Depois de ascender na carreira militar, erigir-se em assessor político do Ministério de Defesa e atingir a segunda posiçom no Exército espanhol, Francisco Torrente Sánchez decidiu que a melhor maneira de culminar a sua meteórica progressom era o mundo da empresa. Mas no seu terreno, e assim, um mês depois de renunciar à secretaria geral de política de defesa no gabinete de José Antonio Alonso, passou a presidir a Explosivos Alaveses SA (Expal), transnacional denunciada por vender bombas de fragmentaçom entre outros materiais bélicos. Apesar de existir incompatibilidades para exercer este cargo reguladas por lei, altas instáncias do Estado permitírom que o seu negócio fosse avante. Trata-se de um influente militar rodeado agora de importantes poderes na Expal que atingem a própria Casa Real, cujo assessor jurídico, também galego, fai parte da administraçom da empresa. Francisco Torrente foi o militar que iniciou as negociaçons para comprar o Yakolev-42, o aviom de fabricaçom russa em cujo acidente falecêrom 62 militares espanhóis. Sem embargo, foi o único integrante da cúpula do exército que nom resultou purgado na reestruturaçom promovida polo PSOE. / Pág. 11

2.000 moinhos mais para perto de 30 novos parques eólicos na agenda do BNG / 10

Vizinhança desenvolve iniciativas contra a alta velocidade ferroviária

As análises críticas abrolharam em pequenos círculos e tomam corpo agora em colectivos de afectados / 09

E AINDA...



Ocupam espaço abandonado no bairro corunhês de Monte Alto / 04

MINISTÉRIO DO INTERIOR continua a buscar infiltrados com coaccons ilegais em Lugo / 04

CONTUNDENTES MOBILIZAÇONS DE LABREGOS para deter a descida dos preços do leite em origem / 07

MAIS DE DOUS MILHONS de euros anuais para a imprensa em espanhol por parte de Marisol López / 04

Opinions de: Xosé Bocixa, Xesús Redondo Abuín, Nuno Gomes e Xurxo Borrazás

NOVAS DA GALIZA
15 de Março a 15 de Abril de 2008

Das Encrovas (e) (à) Uniom Fenosa

XOSÉ BOCIXA



Parecia-lhes singelo. Só com pisarem os terrenos estava feita a expropriaçom, como sempre. Começárom com o apoio do regime franquista e das "forças de segurança", tentando roubar-lhes as terras, as casas, o futuro. Começárom metendo medo, valendo-se dos do tricórnio, usando procedimentos violentos e ilegais. Mas as labregas e labregos das Encrovas fôrom capazes de defender o que fora o seu único meio de vida durante séculos, a Terra. Ainda que morressem na tentativa.

Umha comunidade de "gentes del arado" contra a todo-poderosa Uniom Fenosa. Com a sua luita, com a ajuda e solidariedade de umha boa parte da sociedade galega daqueles anos 70, figérom sentar no governo civil da Corunha esses "señoritos" que viam os "lugareños" como uns ignorantes labregos.

As Encrovas, esse curro desconhecido, passou a ser a primeira página de jornais e televisons do Estado, da Europa e da América. Aqueles "ignorantes" pugérom 'contra as cordas' umhas retorcidas personagens que assumírom o trabalho sujo cumprindo o preceito dos pérfidos directivos dessa grande empresa que até daquela espezinhava todo sem problemas, ao seu antolho.

Naqueles complicados anos 70 do ditador Franco, nom era fácil ver os labregos e labregas com sachos a galhetas frente aos guardas civis de tricórnio e mosquetom reivindicando dignidade e respeito polo seu, ainda que ocasions e motivos sobrárom ao longo desses anos de repressom.

O caso das Encrovas é um de tantos em que as pessoas nom contam. Onde o que importa é o beneficio económico de umha empresa e nom o bem comum como sempre nos querem fazer crer.

Ameaçárom mesmo com pistolas na mao, enchêrom carrinhas com labregos e labregas presas com destino ao quartel de Lonzas na Corunha, dividírom a povoaçom oferecendo previlégios, mas nom resultou. A gente das Encrovas, longe de se acanhar, fijo zoar por toda a Galiza "Cartos nom, translado de povoaçom". Ainda que nom conseguissem o 'translado', sim salvárom a sua dignidade. Tivérom que passar de pagar a trinta e cinco mil pesetas o ferrado de lavradio a duzentas cinqüenta mil, tivérom que empregar gente do vale e reformar as pessoas mais velhas, entre outras melhorias. Diz que a revolta lhes "fijo perder cinco mil milhons de pesetas", segundo tem comentado ao Cesareo de Hilario o "sr. Rosado", que bem morto descansa.

E a Fenosa apoderou-se das partes baixas do vale para começar os seus trabalhos de extracçom.

Começárom espoliando e enganando. Nunca explicárom as dimensons reais do seu projecto. Perante esta contestaçom social decidírom limitar-se a aprofundar no vale eliminando só umha pequena parte de aldeias. Com a passagem dos anos, duas centenas de casas fôrom-se esfarelando, rachando, sem que ninguém travasse semelhante aberraçom. Primeiro o ditador, logo fôrom os democratas os cúmplices do capital. As únicas medidas, mais expropriaçom polo "bem geral". Sim, isso fijo o governo galego comandado polo PP. O governo espanhol desde a retrógrada UCD até o dócil PSOE.

Os meus olhos espreitárom desde pequeno e vírom medrar o buraco, vendo esfarelar-se todo um povo, a desapariçom de fragas, rios, aldeias e mesmo pessoas com estranhos síndromes e doenças mentais. Nem os mortos fôrom respeitados numha mistura de conveniências, onde todo vale com tal de continuar a queimar o porco carvom que envenena o nosso meio, as nossas vidas.

Mas longe de rectificar nos seus métodos, essa mesma empresa que com garbo hipócrita fala de respeito ao meio, às pessoas, ao benefício dos investidores e satisfaçom dos seus clientes... continua com umha atitude própria de tempos da inquisiçom ou de mafiosos fora da lei. Hoje nas Encrovas há vizinhas que vivem isoladas ao pé do terrapleno de meio quilómetro de fundo, com carências graves de sociabilizaçom cujas conseqüências som difíceis de arranjar com dinheiro. Há vizinhas que no dia-a-dia comem o porco carvom que também envenena os seus alimentos na Lousa, a 50 metros da central térmica. Levam assim 30 anos, e por diante ficam outros 30 com licença para envenenar.

Hoje em dia, a Fenosa, em vez de tratar os problemas gerados pola sua actividade com responsabilidade, dedica-se a denunciar pessoas que os sofrem por passearem polas pistas do exterior do buraco maldito. Preferem gastar o dinheiro em guardas de segurança e advogadas a falar com quatro velhas cujos coraçons vivem furados por umha rotopá.

Hoje, de novo, a Fenosa e o poder político local, autonómico e estatal continuam em sintonia. A especulaçom acaba de começar. Esse buraco maldito de três quilómetros de longo, um de largo e meio de fundo aproximadamente, será couto privado. Lago com desportos aquáticos, campos de golfe, casinhas para ricos pobres e zona empresarial para desfrute do presidente da Cámara, que sempre viveu de costas às Encrovas e a olhar para o poder económico.

Alguém dos que na actualidade tenhem a responsabilidade de governar pensa tomar a sério esta situaçom? Nom há sensibilidade para que estas empresas tenham que cumprir a lei? Já que há cousas que nom podem ser pagas com dinheiro, tenham em conta as pessoas humanas. Nom se trata de dinheiro, trata-se de respeito às pessoas. Os custos som migalhas.

Os factos acontecidos nas Encrovas nos últimos trinta anos nom som história. Som hoje em dia umha patética realidade. Fechar os olhos é inútil. Brevemente, lembremos: as linhas de alta tensom em Merza, as centrais térmicas de Sabom (Arteijo) e Meirama (as Encrovas, Cerzeda) a gasificadora de Mugardos, a gestom dos nossos feridos rios... em todas está a Fenosa. Que andarám a fazer agora mesmo em países 'subdesenvolvidos' onde exploram jazigos de carvom e gás que queimam na Galiza?

E, entretanto, contam-nos que o Pólo Norte está a derreter. Estarrece.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou estractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis.

Endereço: **pelourinho@novasgz.com**

BLOCO FALA CASTELHANO COM ESPANHÓIS

Tanto na rádio como na TVE, todos os políticos do BNG, quando têm ocasião de intervir para meios espanhóis, usam sempre o idioma castelhano. Porque o fazem? Para não darem sintomas de radicalidade? Pelo 'característico' carácter galego da submissão? Porque pensam que falando galego não serão entendidos? A primeira pergunta podemo-la descartar, pois Quintana já disse aos madrilenos que o BNG era de fiar. Quanto à segunda pergunta, os genes são 'inevitáveis'. Em relaçom à terceira, direi que da forma como os do BNG falam hoje o galego, podem falá-lo abertamente aos espanhóis, pois serão entendidos perfeitamente.

Suso de Loira (Carinho)

A ODISSEIA DO TRANSPORTE PÚBLICO

Os usuários da linha de ônibus Ferrol-Santiago, à sua passagem por Ponte d'Eume, vimos padecendo a má gestom da empresa responsável por este trajecto: Castromil-Monbus-Arriva; é costume que aos domingos às sete da tarde – hora de passagem do autocarro por Ponte d'Eume – os que ali aguardamos nom tenhamos lugares no ônibus e tenhamos que esperar entre 45 minutos e umha hora a que enviem outro; esta situaçom acentua-se em dias "especiais" – feriados, pontes, jornada eleitoral, férias, etc.; três pessoas preenchemos, na estaçom de Compostela, as folhas de reclamaçons pertinentes – umha ridícula representaçom dos afectados, umhas 20 pessoas, que parecem preferir o conformismo à reclamaçom de um serviço que a empresa oferece e nom cumpre.

O que como usuária e afectada exijo é que as autoridades competentes tomem algumha medida, como ampliar o número de autocarros, especialmente nalgumhas datas, ou que a empresa reconheça e faga pública esta sorte de "lei da selva" que vivemos cada dia os que queremos 'optar' a um lugar no autocarro.

Irma Amado Nodar (Ponte d'Eume)

COLÉGIO DE BERTAMIRÁNS COM NOME FRANQUISTA

Há um colégio em Bertamiráns que leva o nome dum político franquista: o bispo José Guerra Campos.

Guerra Campos nasceu numa freguesia de Ames em 1920. Lutou durante a guerra civil no bando fascista. Foi bispo auxiliar de Madrid e bispo de Cuenca. Representou durante muitos anos a ala mais integrista da Igreja Católica espanhola e sempre esteve próximo de grupos de ideologia ultradireitista. Foi o bispo predilecto do general Franco.

A sua faceta política começou em 1967 quando foi indigitado por Franco 'procurador' em Cortes (equivalente a deputado na actualidade), lugar que ocupou até 1977; significando-se sempre contra qualquer reforma política ou abertura democrática e defendendo sempre a união insolúvel Igreja-Estado.

Nestes últimos anos ninguém se lembrou do clérigo e político franquista que dá nome ao colégio. Achamos que isto deve mudar. O nome de um colégio é o primeiro cartão de apresentação e deve corresponder ao de uma pessoa de trajectória democrática e que conte com reconhecimento social.

Pedro Pardo
Milhadoiro (Ames)

Cultura sim, mausoléu nom

XESÚS REDONDO ABUÍN

O que quero dizer quero dizê-lo por escrito. Por duas razons importantíssimas. Umha. Porque falar pouco é mais difícil que falar muito. Duas. Porque quero que se saiba que som palavras pensadas e nom palavras ditas ao tum-tum. E direi-no com toda a cortesia do mundo, e algo mais se é preciso, mas clarinho.

A cultura de um povo nom se cultiva numha montra colossal instalado no coruto de umha montanha. A cultura semeia-se no dia-a-dia colectivo. E a fonte principal da colheita cultural é o trabalho. Do mais rudimentar ao mais qualificado. Olho! Estou a falar cuspidinho a como falavam as autoridades de agora contra as de antes.

O que acontece é que as actuais autoridades, onde antes diziam 'xo!' agora dim 'arre!'. Claro, antes andavam no que lhes quadrava e agora andam num Audi. O primeirinho que figérom as novas autoridades ao chegarem a Sam Caetano foi apresentar-se perante o erário nacional e perguntar-lhe 'Que há do nosso?', atribuírem-se salário milionário; e por riba, atribuírem-se um 'aguinaldo' vitalício de 15.000 euros, que é mais do que a média salarial dos Fuco Buxám da naçom de Breogám. Bem se vê que as novas autoridades alentam por onde alentavam as de antes!

Que deixem de intoxicar as autoridades. As de agora e as de antes. Que quando nom parecem co-irmaos, parecem irmaos. Que deixem de intoxicar e também de nos apurrarem os cans de seu amo, subvencionados também polo erário nacional. Que deixem de intoxicar. E de denegrir.

E de mentir. Nós nom pedimos que entrem as piquetas no Gaiás. Pedimos que nos esclareçam que estám a fazer com o nosso dinheiro. Que é o mesmo que pediam as autoridades actuais quando eram aspirantes a autoridades. Os que mudárom de partitura fôrom eles. Nós nom tocamos partitura diferente à que eles mesmos tocavam. Que deixem de intoxicar. E também de nos apurrarem os cans de seu amo, subvencionados também polo erário nacional.

Que deixem de intoxicar. E de falsear os nossos postulados. Nós nom somos contra a cultura. A cultura abre os olhos e nós queremos que a naçom de Breogám abra quanto antes e para sempre os olhos de par em par. Queremos saber aonde vai e para que serve cada euro que gastam no Gaiás. Que estám a gastar euros do erário nacional. Que nom estám a gastar euros da sua propriedade. E estám a gastar umha burrada. Daria para fazer nom poucas cousas em nom poucas partes que estám em precário.

E volto à carga. A cultura nom se fai com fantasias galácticas. Fai-se rente da realidade ordinária. Com boas escolas infantis. Com boas escolas primárias. Com boas escolas secundárias. Com boas universidades. Com bons museus. Com bons transportes e rápidos. Com bons centros de saúde. Com bons hospitais. Com boas instalaçons desportivas. E com alimentaçom saudável e suficiente para todos os Fuco Buxám. Que som nom poucos os que nom tenhem de nada.

Mais feitos e menos propaganda. A cultura ou nasce no dia-a-dia colectivo dos povos ou nom nasce. E o dia-a-dia colectivo do Fogar de Breogám tem lugar ao longo e ao largo dos 315 concelhos disseminados polo mapa adiante. O do Gaiás, a nós, parece-nos pôr o carro diante do gado. Também às actuais autoridades lho parecia antes. Agora nom. Agora mudárom, porque será?

Com o gado à rabela do arado nom se lavra. E nós queremos lavrar. Nem queremos que as silvas voltem a colonizar por inteiro o Gaiás nem que no Gaiás fagam as Américas umha mao-cheia de aproveitados. O que exigimos é que rendam contas do gasto e que nos esclareçam aonde vai e para que serve cada euro que gastarem. Nada mais. Que é o que as actuais autoridades pediam quando eram aspirantes a ser autoridades. Nós nem originais fomos no momento de denominar-nos. Fôrom eles os que começárom a chamar-lhe a aquilo *mausoléu faraónico*. E quando digo eles digo Lola Villarino, presidenta do Parlamento; Emilio Pérez, presidente do *bigoverno*; Anxo Quintana, vice-presidente; e os demais; e todos os demais. Que voltem ao rego. Que deixem de apurrar contra nós os cans de seu amo. Que deixem de intoxicar.

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇOM
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván Garcia, Xiana Árias, Sole Rei, Helena Irímia, Eduardo S. Maragoto, André Casteleiro, José E. Vicente, Xabier Xil

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Miguel Garcia, Carlos Barros

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

FECHO DA EDIÇOM: 20/03/08

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín
Nuno Gomes (Portugal), Jon Etxeandia (País Basco) Juanjo Garcia (Países Cataláns)

COLABORAÇONS
Opiniom. Gustavo Luca, Maurício Castro, X. Carlos Ánsia, Maria Álvares, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, Carlos Taibo, Celso Á. Cáccamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Pedro Alonso, Luís G. Blasco 'Foz', Alberte Pagán, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Cronologia.** Iván Cuevas. **Música**. Jacobe Pintor. **Galiza Natural**. João Aveledo. **Sexualidade**. Beatriz Santos. **Língua Nacional**. Valentim Fagim. **Desportos**. Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços. **Cinema**. Francesco Traficante

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves,
Galiza Independente (GZI),
Xavier Sampil

ADMINISTRAÇOM
Irene Cancelas Sánchez

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Farruquinho

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto, Fernando Vázquez Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero (Suplemento)

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência. A informaçom continua periodicamente no sítio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

UM EMPRESÁRIO DE QUATRO ESTRELAS

As tramas de corrupçom salpicam freqüentemente as cúpulas empresariais de prestigiosas firmas; noutras ocasions, assinalam as redes dos grandes partidos que gerem esta democracia tutelada; noutras, inclusive, relacionam-se com a actividade de prestigiosas instituiçons que só se podem criticar em pequenas notas de rodapé. Ainda que pareça exagero, a investigaçom do NOVAS DA GALIZA ilumina um foco de imoralidade que atinge de umha só vez todas as instáncias nomeadas. Na Galiza de 2008, um militar com graduaçom de quatro estrelas, ostenta o duvidoso mérito de reunir numha só pessoa a indecência que atinge ámbitos mui diferentes do poder.

Como mando de um exército golpista, praticou um caciquismo sui generis que lhe forneceu excelentes relaçons com as duas fracçons da direita política; e enquanto os mais extremistas perdiam prestígio polos Yakolevs e as aventuras no Iraque, este oportunista de altura abeirava-se ao excelente trato que o PSOE sempre deu aos militares.

Como empresário, prosperou graças ao negócio da morte provocada. Umha dedicaçom florescente que assegura a abundância económica enquanto proliferarem no mundo as guerras democráticas, o investimento estatal em fabrico de armas, e o espalhamento de bombas ilegais que matam, sobretodo, os humildes e os civis.

E como "político" doméstico, o alto mando ferrolano soubo reforçar os seus negócios estreitando relaçons com o capital das caixas galegas, com banqueiros espanhóis de dimensom transnacional, e com figuras mui bem conhecidas no palácio da Zarzuela. Por tecer redes, ainda as tece com um governo municipal "esquerdista" que subvenciona festas religiosas e o converte em pregoeiro de honra do concelho. Todo um retrato do País, que permite a impunidade 'chulesca' dos que vivem à custa de provocar sofrimentos e desgraças.

PEPE CARREIRO



NOTÍCIAS



A iniciativa avança na linha em favor da ocupaçom encetada por vários colectivos e activistas sociais durante o ano passado / ACULTURAPREOKUPA.BLOGALIZA.ORG

Recuperam espaço abandonado no bairro corunhês de Monte Alto

REDACÇOM / A recém constituída assembleia da 'Cultura_ Pre_O(k)upa' recuperou, no dia 14 de Março, um local abandonado na rua corunhesa da Atocha Alta, inserida no bairro de Monte Alto. Parte com o objectivo de dinamizar a sua envolvente e fomentar a criaçom de espaços libertados a partir da autogestom e projecta inicialmente umha série de actividades para cobrir ao longo do mês de Março.

Coerentemente com os seus princípios, o colectivo será formado por "todas aquelas pessoas que se reconhecem numha iniciativa social, cultural e política auto-organizada". Até a data do fecho desta ediçom tinham desenvolvido diferentes conferências, obradoiros, projecçons, mesas redondas e murais, bem como actividades festivas e teatrais.

O espaço, que continuam a reabilitar, dispom de mais de 200 metros quadrados no piso inferior e oferece numerosas possibilidades de actividade tanto para os e as integrantes da assembleia como para a própria vizinhança. É propriedade de um "conhecido especulador" distinguido no bairro de Monte Alto por ter provocado problemas com diferentes vizinhos, apontam fontes do colectivo.

Centenas de pessoas tenhem participado das diferentes propostas realizadas e aspiram a consolidar a iniciativa como referente das possibilidades do movimento pró-ocupaçom no nosso País. No entanto, em princípio nom tenhem vontade de permanecer no local, só de que sirva como experiência e revulsivo para este tipo de alternativas.

Em nome do colectivo promotor, Virxilio Rodríguez considerou "superadas as expectativas", em referência ao bom acolhimento obtido por parte de pessoas de todo o tipo que estám a fazer sua esta iniciativa. Entende que a ocupaçom deste espaço nom é o fim em si mesmo, mas "um experimento para o processo amplo de libertaçom de espaços" que estám a impulsionar.

Tenhem a convicçom de que "o trabalho em comum, partindo de baixo, questiona directamente umhas instituiçons que nom sabem nem querem dar soluçom aos problemas de espaço que sofre esta cidade".

Marisol López entrega a jornais em espanhol mais de dous milhons de euros anuais

Gentalha do Pichel denuncia o escandaloso gasto de Política Lingüística

REDACÇOM / Das enormes quantias de dinheiro destinadas à normalizaçom lingüística, os jornais escritos em espanhol som umhas das entidades mais beneficiadas. Segundo o publicado no DOG, no primeiro quadrimestre do ano, as empresas editoras de jornais como ABC, El País, ou La Voz de Galicia recebêrom, respectivamente, 40.000, 100.000 e 150.000 euros, supostamente por meterem algum suplemento ou notícia breve em galego. Segundo a Gentalha do Pichel, com a soma do dinheiro recebido polo conjunto das empresas editoras dos jornais em espanhol neste primeiro quadrimestre, pode fazer-se um cálculo estimativo da quantia recebida polos mesmos ao longo de um ano. O resultado é tam astronómico como assustador: 2.207.028 euros. A gravidade do esbanjamento de dinheiro público que se está a fazer à custa da política de normalizaçom lingüística poderá ter sido ainda maior no passado, umha vez que este é o primeiro ano em que os dados som publicados, depois dos reiterados protestos de grupos normalizadores. Para a Gentalha do Pichel, "o problema é mui sério, e deveria preocupar nom só os grupos normalizadores, como também todas as pessoas que pagam impostos: é dinheiro atirado no lixo". No cartaz, que se pode conseguir contactando o colectivo compostelano, coloca-se o exemplo de como este jornal, o Novas da Galiza, "nom recebe um peso com o pretexto da normativa".

Nova tentativa de infiltraçom policial com coaccons ilegais em Lugo

REDACÇOM / As medidas irregulares empreendidas polo Ministério do Interior para obter confidentes no seio do independentismo voltam à cidade de Lugo. Depois de termos denunciado, em Dezembro de 2007, o oferecimento de um emprego público em troca de infiltraçom policial, os factos reiteram-se, incluindo agora coaccons quando o jovem H.D. se recusou a "colaborar com a Audiência Nacional".

No primeiro telefonema realizado, os polícias identificavam-se como membros de umha delegaçom de emprego para lhe oferecer trabalho. O jovem, desconfiado perante o contexto da chamada, nom compareceu no lugar e hora indicados, e imediatamente recebeu umha outra chamada para combinar numha cafetaria. Já ali, os interessados identificárom-se como membros do Ministério do Interior, tentárom amedrontá-lo com dados da sua família e mostrárom-lhe fotos suas e de independentistas lugueses em diferentes lugares. H.D. decidiu entom abandonar o lugar e os polícias indicárom-lhe que iria receber outra chamada.

Na semana seguinte telefonárom-lhe insistindo em que devia colaborar com a Audiência Nacional se nom queria "meter-se em problemas". Na chamada, de cuja gravaçom dispom o Novas da Galiza, o jovem reiterava a sua recusa a exercer como confidente e o polícia advertia-o de que deveria assinar um documento admitindo que nom acedia à solicitude de cooperaçom. Os contactos suspendêrom-se a partir desta última chamada.

Advogados consultados assinalam que este tipo de coaccons nom tenhem suporte legal e instam as pessoas que podam receber solicitudes deste tipo a negarem qualquer tipo de colaboraçom, dado que a Polícia espanhola pretende utilizar o medo como mecanismo de pressom. Porém, nada obriga ninguém a converter-se em confidente, apesar de os agentes de Interior o apresentarem como necessário.

Ghaleb Jaber Ibrahim, empresário de origem palestiniana

“Como palestiniano tenho que condenar o holocausto, por humanitarismo e porque somos os únicos que o estamos a pagar”



Ghaleb Jaber é desde há muitos anos um referente da causa palestiniana na Galiza

I. CANCELAS / E. MARAGOTO

A polémica desatada, nomeadamente no seio do nacionalismo, polo aparecimento de umha Associaçom Galega de Amizade com Israel (AGAI), derivou em confrontos dialécticos entre diversas facções ideológicas no BNG, após ter surgido nesta frente a proposta de expulsom do dirigente pró-israelita Gómez- Valadés na comarca de Vigo. No mês passado, um vereador do BNG em Neda abandonava a frente acusando os seus dirigentes de “odiarem os judeus”. Fomos conhecer a opiniom de Ghaleb Jaber, possuidor do conhecido hotel compostelano Araguaney, que nunca ocultou as suas boas relaçons com o nacionalismo galego.

O movimento de libertaçom nacional palestiniano sempre gozou de grande aceitaçom entre a esquerda galega. Que opiniom lhe merece a existência de umha associaçom pró-israelita no seio do movimento nacionalista?

O povo galego, de forma esmagadoramente maioritária, sempre estivo ao lado da causa palestiniana. Se Israel quer financiar umha associaçom de pessoas que se sentem judias, todo bem, mas isso nom justifica defender a política de Israel.

Assentam parte do seu discurso em críticas “ao terrorismo”...

Há que distinguir alguns tipos de luita, mas nom se pode acusar Hamas sem acusar a política israelita. Os atentados som condenáveis, mas a culpa do que acontece ali nom é de Hamas: Hamas é umha conseqüência e Israel a causa. Eu critico o terrorismo, mas nom podo condenar a luita palestiniana, porque é contra umha ocupaçom. É a diferença entre terrorismo e luita de resistência a um exército ocupante: Israel nom proporciona um ámbito democrático aos palestinianos e se mesmo para os judeus é discutível que seja democrático, no caso dos territórios palestinianos, estamos a falar de umha ocupaçom com seqüestros, assassinatos, destruiçom de cultivos e casas...

Quanto a nós, palestinianos, eu penso que o inteligente é trabalhar com a cultura e a sociedade, nom com as armas, mas o problema é que para criar cultura é preciso um grande desenvolvimento sócio-económico, e isso nom existe na Palestina por causa de umha ocupaçom.

O ‘holocausto’ também é mencionado freqüentemente...

Um palestiniano deve condenar o holocausto. Em primeiro lugar por humanitarismo e em segundo lugar porque somos os únicos que o estamos a pagar, muitas vezes com as nossas próprias vidas.

Que opina da polémica gerada no BNG em torno da AGAI?

Lembro o dia em que surgiu a associaçom, quando o ministro Shlomo Ben Ami visitou a Galiza. Figérom-se-lhe perguntas incómodas e notou que o povo galego era solidário com o palestiniano. Entom surgiu a AGAI, para contrabalançar a força da causa palestiniana na opiniom pública galega. A política de Israel pode ser defendida polas instituiçons e as finanças ou por motivos religiosos. Alguns judeus galegos estám a prestar-se a isso, como Gómez-Valadés, judeu converso que mes-mo fijo o serviço militar em Israel...

...Mas esta polémica poderá desestabilizar o BNG?

Só se lhe dermos importância. Eles mandam comunicados à imprensa, é quase o único que fam.

E a direcçom do Bloco, está a actuar correctamente?

O embaixador israelita em Madrid pretende dirigir a política de um partido galego e isso é inaceitável. Aconteceu algo mui parecido com o presidente da Cámara Municipal de Oleiros há uns anos. O Bloco condenou o holocausto, mas fôrom condenados também todos os holocaustos. O Bloco respondeu adequadamente.

Pensa, como se tem dito, que a AGAI conta com apoio da embaixada israelita?

Penso que foi impulsionada pola embaixada. Querem encobrir um genocídio. Cada vez que é questionada a política de Israel, eles tiram do bolso dous temas: antissemitismo e holocausto, quando até nós, árabes, somos semitas: este é um termo lingüístico. É inegável que Israel tem muita força económica, mas os galegos tenhem que ver se vale a pena colaborar com Israel.

CRONOLOGIA

◆ 10.02.2008

Ex-comissário Enrique León, que demitira como presidente de Vila Garcia por incompatibilidade, funda Segur 10 Vigilancia, empresa de segurança.

◆ 11.02.2008

Mariscadoras do banco dos Prazeres deitam lixo da Ria de Ponte Vedra na Conselharia do Meio Ambiente em protesto pola falta de limpeza da zona.

◆ 12.02.2008

Polícia local de Ogrove denuncia comparsa Os da criba por fazerem umha cançom de entruido contra este corpo.

◆ 13.02.2008

Comissom do Parlamento basco chama para declarar a Manuel Fraga Iribarne e Rodolfo Martín Villa na investigaçom do assassinato de cinco trabalhadores pola polícia em Vitória a 3 de Março de 1976.

◆ 14.02.2008

Subdelegado do Governo espanhol na Corunha, José Manuel Pouse Mesura, impugna o regulamento do galego na Cámara Municipal de Cedeira por existir “falta de mençom da língua castelhana”.

◆ 15.02.2008

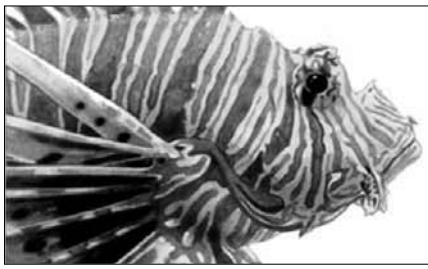
Às 00h30, morre Antonio Arnejo G., trabalhador de Urbaser, empresa de recolhida de lixo em Compostela, ao lhe cair em cima a tampa do colector que estava a esvaziar.

◆ 16.02.2008

Dados do Instituto Espanhol de Estatística reflectem que existem na Galiza 1.261 aldeias abandonadas e 712 lugares com só um habitante.

◆ 17.02.2008

Quatro cargos do governo bipartido, imputados pola sua participaçom na adjudicaçom da autovia de Barbança.


www.inovagaliza.com
|desenho|comunicaçom|publicidade|
inova

◆ 18.02.2008

Aparece a boiar em águas de Carinho o corpo sem vida de um marinheiro de Ortigueira, tripulante do Pesorsa 3.

◆ 19.02.2008

O parlamentário do BNG Francisco Rodríguez chama "desleais" aos ecologistas que se manifestárom contra a destruiçom do território sob o lema 'Galiza nom se vende'.

◆ 20.02.2008

Falho num controlo paralisa durante hora e meia a rede ferroviária da Galiza.

◆ 21.02.2008

Dous marinheiros de Camelhe, Fernando Porteiro Tajes e Manuel Mouzo Suárez, morrem ao embarcar a sua embarcaçom na ria de Corme-Lage.

◆ 22.02.2008

Por volta de setenta redeiras do Sul da Galiza ocupam a inspecçom de trabalho em Vigo numha acçom para denunciarem o trabalho ilegal.

◆ 23.02.2008

Dados do recenseamento reflectem que três mil emigrados nas Canárias voltárom à Galiza pola crise da construçom.

◆ 24.02.2008

Associaçom pola Defesa da Ria angaria mais de 3.000 assinaturas contra a concessom da Autorizaçom Ambiental à planta da ENCE em Ponte Vedra.

◆ 25.02.2008

Operários de Dragados abatem várias árvores centenárias nas obras de ampliaçom do aeroporto de Peinador, em Vigo.

◆ 26.02.2008

Detido um vizinho de Poio por apunhalar a sua companheira sentimental.

◆ 27.02.2008

Vizinhança da Fonsagrada e Santalha de Oscos fundam a associaçom Camim Grande para protestarem polo projecto da linha de alta tensom Boimente-Pezós.

◆ 28.02.2008

Morre frente às costas da Corunha F.S.E., marinheiro do arrasteiro Playa Los Quebrantos.



MULHERES RESPONDEM À PROIBIÇOM DE SE MANIFESTAREM NO 8 DE MARÇO

REDACÇOM / A reivindicaçom do direito ao aborto livre e gratuito, junto com a proibiçom de comemorar o 8 de Março por parte da Delegaçom do Governo Espanhol por calhar no 'dia de reflexom', marcárom a comemoraçom do Dia da Mulher Trabalhadora. No entanto, a Marcha Mundial das Mulheres mantivo as convocatórias de mobilizaçons em Ponte Vedra, Vigo, Ourense, Corunha, Ferrol, Compostela e Narom. Nas cidades de Compostela e Corunha tivérom lugar também manifestaçons polas ruas desafiando a proibiçom governamental.

Por volta de mil pessoas respondêrom ao chamamento feminista, entregando em diferentes julgados da geografia nacional assinaturas de autoinculpaçom por casos de aborto. O objectivo perseguia "mostrar a solidariedade com as mulheres processadas, e denunciar umha lei que nom garante o nosso direito a decidir", assinalam na Marcha Mundial das Mulheres, enquanto manifestam que continuarám a ocupar os espaços públicos por entenderem que "há que mudar a vida das mulheres para mudar o mundo".



Rejeitam visita do monarca espanhol no Dia da Classe Operária Galega

REDACÇOM / Os sindicatos nacionais CIG e CUT voltárom às ruas no passado dia 10 de Março para comemorarem o Dia da Classe Operária Galega, numha jornada marcada pola visita do monarca espanhol a Ferrol. O secretário comarcal da CIG na comarca de Trás-Ancos, Xesús Anxo López Pintos, manifestou a sua "total rejeiçom à presença de Juan Carlos de Bourbon neste dia tam assinalado" em que trabalhadores e trabalhadoras galegas lembram o assassinato de Amador e Daniel às maos da polícia espanhola em 1972.

Por volta de mil pessoas secundárom a mobilizaçom convocada pola CIG em Ferrol, em que foi denunciado o incremento da carestia da vida. O secretário geral da central sindical, Suso Seixo, denunciou que mais de 640.000 cidadaos galegos vivem com menos de 570 euros por mês, situaçom pola qual responsabilizou o Governo espanhol e os sindicatos estatais pactistas. Ainda, exigiu-se a aplicaçom da histórica reivindicaçom do Quadro Galego de Relaçons Laborais e a soberania nacional da Galiza. Por sua vez, López Pintos indicou que "as verdadeiras famílias, as reais, som aquelas que perdem poder de compra, e nom as que nos mandam para solapar o movimento operário", em clara alusom à presença do monarca espanhol.

Em relaçom aos actos convocados pola CUT, por volta de cem delegados e delegadas sindicais participárom nas concentraçons realizadas em Vigo e Compostela, nas quais a reclamaçom da "autodeterminaçom para umha Galiza ceive e sem exploraçom" e a exigência de um novo enquadramento jurídico para a classe trabalhadora fôrom os eixos centrais das reivindicaçons.

A CIG prémia no 10 de Março trabalhadores ponte-vedreses da construçom

REDACÇOM / A segunda ediçom do prémio da Dia da Classe Operária Galega, convocada pola CIG, tivo como protagonistas os trabalhadores da construçom da província de Ponte Vedra, que desenvolveram as principais mobilizaçons de 2007 e conseguiram importantes conquistas em matéria salarial e de direitos sociais. Xosefa Baamonde, histórica sindicalista da CIG-Ensino, foi também homenageada polo seu "compromisso inquebrantável com a educaçom em galego".

Por sua vez, coincidindo com o 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, a Secretaria da Mulher da CIG premiou as trabalhadoras de ISS Facility Services, que mantiveram umha greve de 60 dias na Cámara Municipal de Compostela até que conquistaram "a dignificaçom das suas condiçons laborais."



Produtores mobilizam-se com contundência para evitar descida dos preços do leite em origem

REDACÇOM / Os produtores de leite denunciam os altos preços que paga o consumidor e reclamam segurança jurídica e económica face às medidas unilaterais adoptadas polas empresas. A ameaça que pairava sobre o subsector leiteiro galego desde há cerca de dous anos começa a se concretizar: a descida dos preços em origem já está aqui. Num momento em que os consumidores pagam até mais de um euro por litro de leite, os ganadeiros recebem em média só 40 cêntimos de euro. «Onde vam parar os sessenta cêntimos que faltam?», pergunta muita gente. A resposta é simples: dividem-se entre as empresas de recolhida — que geralmente também se encarregam do tratamento e distribuiçom — e os estabelecimentos comerciais. Porém, nestes últimos nom costuma estar a maior margem de lucro, pois até há poucos meses o habitual era que mesmo pugessem à venda leite abaixo do preço ao qual o adquiriram, utilizando-o como 'isco' para atrair o comprador para outros produtos que lhes dessem maiores lucros.

No último ano, os preços em origem aumentárom em média 25%, mas os custos de produçom, principalmente gasóleo e pensos, incrementárom-se entre 80 e 90%. Com esta situaçom, longe de ganharem, o poder aquisitivo dos produtores ficou congelado no melhor dos casos e, na maior parte, reduzido, com margens de benefício de apenas quatro ou cinco cêntimos de euro por cada litro de leite. Deste modo, umha descida como a que se prevê — em média, de cinco cêntimos —, simplesmente tornará inviáveis as exploraçons leiteiras, que estariam a trabalhar por baixo dos custos de produçom.

A ameaça para este subsector é tam real que houvo quem já a experimentasse: os ganadeiros que vendem a sua produçom a Leite Celta, empresa que unilateralmente lhes aplicou umha reduçom de seis cêntimos por litro de leite produzido. A medida provocou, a 13 de Março, a concentraçom de uns 3.000 ganadeiros diante das suas instalaçons de Ponte d'Eume, similares em concorrência e participaçom às registadas na semana anterior diante da fábrica de Puleva em Castro Verde.

Insegurança

No fecho da ediçom deste número, a maior parte dos produtores de leite do nosso país encontram-se numha situaçom de insegurança e impossibilidade de defesa, segundo denuncia a cooperativa O Seixo, na Terra Chá, que vende para Puleva-RAM. Segundo explicam, no contrato de recolhida de leite que assinam os produtores (ou as cooperativas em seu nome) e as empresas, nom se especifica um preço determinado por cada litro de leite, de maneira que no momento da recolhida -geralmente cada dous dias- desconhecem a quanto estám a vender a sua produçom, algo do que somente tenhem constáncia no mês seguinte.

As principais organizaçons que representam os produtores, o Sindicato Labrego Galego (SLG) e Unions Agrárias (UU. AA.), reclamam que este sistema seja revisto, por considerarem-no pouco menos que medieval. De facto, na primeira reuniom da Mesa do Leite em doze meses — prevista para meados deste mês de Março mas contra o fecho desta ediçom confirmou-se o seu adiamento — reclamarám, entre outras medidas, o estabelecimento de contratos homologados que determinem uns preços mínimos e as margens de variaçom dos mesmos e, chegado o caso, mecanismos compensatórios com base na situaçom do mercado — nomeadamente os custos de produçom.

Se as empresas nom recuarem e nom derem soluçons aos produtores, os sindicatos asseguram que adoptarám medidas de força mais contundentes para garantirem a sobrevivência do principal meio de vida de milhares de famílias galegas.

Subdelegaçom do Governo de Ponte Vedra multa activismo social viguês com mais de 15.000 euros

REDACÇOM/ O subdelegado do governo na província de Ponte Vedra, Delfín Fernández, empreendeu umha ofensiva contra o activismo social viguês nas últimas semanas sancionando cerca de trinta pessoas por exercerem o seu direito à manifestaçom. Activistas dos centros sociais Revolta, Faísca e Cova dos Ratos, do Foro da Mocidade de Vigo, da Comissom contra a Macrodepuradora de Corujo, da plataforma A Ria nom se Vende, do colectivo Precárias em Luita e da Causa Galiza fôrom as vítimas das multas administrativas.

Só polo protesto contra a agrupaçom espanholista Galicia Bilingüe as sançons ultrapassam os 14.000 euros, incluindo multas individuais de 1.350 euros e atingindo um total de 15 pessoas. Em relaçom aos actos de denúncia da brutalidade policial pola referida mobilizaçom, seis novas pessoas fôrom sancionadas por um total de 900 euros.

Três militantes que assinaram a solicitude de manifestaçom da Causa Galiza em defesa da autodeterminaçom no passado dia 6 de Dezembro, recebêrom multas por valor de 600 euros, enquanto outras sete pessoas estám processadas por se concentrarem perante a esquadra da polícia espanhola demandando a liberdade dos quatro acusados por queimarem a efígie do monarca espanhol, após a manifestaçom.

O organismo anti-repressivo Ceivar, por sua vez, considerou que esta intensificaçom da actividade repressiva "evidencia a verdadeira natureza do PSOE" ao mesmo tempo que "preanuncia qual será a política de liberdades democráticas que o independentismo pode esperar nos próximos tempos por parte dos gestores do Estado". Destacam também "a coincidência no tempo com o início de 73 processos contra trabalhadores do naval e da construçom em Vigo", acusando a Subdelegaçom do Governo de ter decidido "'meter o dente' a nível repressivo e de forma quase generalizada à comarca viguesa".

◆ 29.02.2008

Trezentas pessoas manifestam-se em Guitiriz pola readmissom dos 30 trabalhadores despedidos pola graniteira Ingemarga por se negarem a trabalhar aos fins-de-semana sem salário.

◆ 01.03.2008

Exumados na Fonsagrada os restos de José Moreno Torres, comandante do Batalhom Galiza assassinado em 1937.

◆ 02.03.2008

Construçom de 1.100 vivendas a menos de 100 metros do mar em Sam Genjo é desvendada polo diário El País.

◆ 03.03.2008

Trabalhador português da empresa S.J. Madeiras Limitada falece em Róis ao lhe cair umha árvore em cima.

◆ 04.03.2008

Estado espanhol extradita Rodolfo Almirón, ex-guarda-costas de Fraga Iribarne, para ser julgado na Argentina por crimes de lesa humanidade.

◆ 05.03.2008

Fiscalia pede seis anos de cadeia ao empresário da Fonsagrada Julio Fernández, presidente de Filmax, polo desvio de 50 milhons de euros.

◆ 06.03.2008

Mais de 1.500 ganadeiros ocupam a fábrica de Puleva em Nadela em protesto pola descida dos preços do leite.

◆ 07.03.2008

Conselharia da Pesca teima em manter as 24 unidades de piscicultura previstas na costa galega apesar das alegaçons.

◆ 08.03.2008

No Dia Internacional da Mulher apresentam-se por volta de 1.000 autoinculpaçons de aborto nos tribunais galegos, e realizam-se diversas marchas feministas e actos reivindicativos apesar da proibiçom da Delegaçom do Governo por coincidir o dia com a jornada de reflexom.

◆ 09.03.2008

B.V.C., trabalhador de 20 anos, ferido grave ao sofrer um acidente laboral na estaçom de reciclagem de Nostiám (Corunha).

NOVAS DA GALIZA
15 de Março a 15 de Abril de 2008

INTERNACIONAL

Ramón 'Silverio' Gómez, director da Brigada Artística Os Colines e d'O Mejunje (Cuba)

"A cultura ocupa o segundo lugar nas preocupaçons da gente, algo mui importante tendo em conta os problemas do país"



ÁFRICA LEIRA - PILAR BARRAL - LUISA CUEVAS

Visitamos Cuba num momento em que se está a dar um processo de debate em busca de soluçons para mais socialismo. Som milhares de achegas que demonstram que existe umha democracia participativa e que a Revoluçom é um proceso vivo, em marcha, a evolucionar permanentemente para alcançar novas quotas de justiça social. A 15 de Fevereiro África, Pili e Luisa acompanham a Brigada Artística Os Colines numha das suas missons e entrevistam-se com Ramón 'Silverio' Gómez, criador e director da Brigada Artística desde há 22 anos e fundador de Mejunje em Santa Clara desde há 24.

Qual é a missom da Brigada Artística Os Colines?
Pretende integrar todas as manifestaçons da arte com um peso fundamental no teatro. Também levamos exposiçons de pintura, música e resgatamos o folklore, costumes camponesas e tradiçons para integrá-las nas nossas obras. A globalizaçom chega ao campo através da TV e com ela as bobagens e os estímulos banais. Qualquer pessoa pode ir à universidade e geralmente, já nom regressam para traballar no campo. A Brigada tenta que nom se perda a cultura camponesa, e este trabalho também está encaminhado a conscienciar as pessoas, para que nom abandonem o campo.

Como surge esta ideia?
Nascim no campo, e quando era pequeno o único que chegava era o circo. Sempre me ficou essa imagem romántica e gostaria de causar esta mesma impressom agora, levando a alegria um dia a um sítio e outro dia a outro. O grupo é de muita qualidade. Em 2006 obtivo o Prémio Nacional da Cultura Comunitária.

Como se financia?
O financiamiento é do Estado, mas umha grande parte do trabalho é voluntário. Que venha só gente voluntária achega umha maior qualidade e motivaçom para traballar, e também predisposiçom para ficar a dormir num platanal se for necessário.

Que lugar ocupa a cultura nas prioridades da populaçom cubana?
Nas formulaçons expressadas no debate político que se deu recentemente, o segundo lugar na preocupaçom da populaçom é a cultura. Num país com tremendos problemas de transporte e habitaçom é um dado mui importante.

Há outras experiências semelhantes em Cuba?
O grupo de teatro Escambray é o que mais anos leva no País, 40, ainda que já nom tenhem a sua sede na montanha. Há outros grupos em Gramma, Ciénaga de Zapata, ainda que o nosso é um dos mais estáveis e complexos, pois nom sacrificamos nada quanto à qualidade, o rigor na funçom. Pretendemos obras participativas que dem soluçons. Há que deixar os espectadores a pensar naquilo que vírom.

Que é exactamente O Mejunje?
Em essência é um espaço para artistas novos. Cria-se em Janeiro de 1984, num momento em que surgem em Habana os cafés-cantantes, e havia círculos juvenis aos quais acodiam moços avantajados, mas que excluíam muita gente. Surge como algo alternativo a essas opçons, dentro de um teatro de monicreque. Ao ano, vam para outro lugar, umha casa meio em ruínas, onde se converte em algo mais maciço e acodem grupos marginados como artistas, rockeiros, homossexuais e começa a haver grafittis nas paredes. Um ano depois, por perigo de derrube levam-nos ao pátio de umha biblioteca, o que nom tinha muito sentido porque havia umhas normas e horários incompatíveis com a nossa actividade. Um bom dia pugem um cartaz a dizer que fechava e quem quigesse visitar-me, que vinhesse à minha casa.

Assim que de novo O Mejunje muda de sede?
Efectivamente, mas no ano 91 chegam novos ares a Santa Clara e ofereçem-me o actual espaço depois de que os novos artistas o pidam em reunions do partido, que sempre me apoiou muito, como também o governo da cidade. De novo, temos um espaço polo qual passárom desde Ricardo Alarcóm até o bispo de Santa Clara.

Qual é a sua essência?
É que a gente que passa polo Mejunje é bem tratada, é respeitada. Temos mui boa relaçom com a vizinhança, cede-se gratuitamente para comemorar aniversários, casamentos... Também há um espaço para expressons culturais que tenhem que ver com os cultos sincréticos; por exemplo, todo o aniversário de Fidel fai-se um "tabor" a Obatalá, pedindo pola sua saúde. Há noite de trova, noite de baile, noite de rock, teatro infantil. Realiza-se um espectáculo de transformismo que é o único num centro oficial em Cuba. Todo isto é o que fijo com que O Mejunje ganhasse o respeito da cidade.

Que tipo de pessoas acodem ao Mejunje?
A gente deu-se conta de que havia homossexuais em Cuba quando se fijo "Fresa e Cholocate" e aqui levávamos 10 anos dando espaço a homossexuais. Mas O Mejunje nom é um sítio de gais e lesbianas, é um sítio onde também estám. Ninguém pregunta a ninguém o que é. Quem vai sabe que pode haver dous homens ou duas mulheres que se beijam, onde a gente baila e ninguém se preocupa. Chega gente que foi até perigosa, a quem demos a oportunidade de demonstrar que podem mudar. É um espaço também para crianças e para idosos e idosas que vam namorar. A gente sente-se bem porque é um espaço sem preconceitos, provocador, transgressor.

ALÉM MINHO

Aguarda que verás

◆

NUNO GOMES

◆

"O QUE SE APRENDEU NA ESCOLA É LEI. GALIZA É ESPANHA. DESTE LADO SOMOS PORTUGUESES, DO OUTRO ESPANHÓIS"

Cá pelo Norte todos sabemos o que é Santiago de Compostela. Cidade, estrangeiro, Espanha. Alguns dirão Galiza. Alguns. Muitos (se não todos) falarão d'*A Coruña*, e não estranharão se a virem grafada à portuguesa (Corunha, sem o artigo). Vigo sempre foi Vigo e Lugo sempre foi Lugo, mas poucos perceberão que Ponte Vedra se refere à espanholíssima *Pontevedra*. Para muitos, minha mãe incluída, Ourense nunca deixou de ser *Orense*. Não adiantou a galeguização de *La Guardia* para A Guarda; mesmo dizendo-lhes que a Guarda galega é como a Guarda beirã, eles não deixam de desconfiar. É que a galega é *A Guarda*! Logo, tem um A antes, é totalmente diferente da portuguesa. Que diferença faz a sonoridade e grafia mais portuguesas, se estamos a falar de *España*? De facto, nenhum português cruza a fronteira a Norte para que lhe digam que não está *en España*. Vai-se lá para falar *español*, comprar *recuerdos* e comer *hamburguesas*. Para portuguesismos chega-lhes bem Portugal.

Imaginem então que os convencemos que o artigo *A* é um espanholismo, uma reminiscência do *La* castelhano que invade abruptamente a grafia natural dos topónimos galegos. Que se por cá fizéssemos igual teríamos de grafar Porto como *O Porto*, ou como muitos já o fazem agora para agradar à ignorância inglesa (*Oporto*). Se por momentos os convencêssemos que Gondomar, Póvoa e Viana existem dos dois lados da fronteira, o que conseguíamos? No máximo, um sorriso. Tendo prestado muita ou pouca atenção, o que se aprendeu na escola é lei. Galiza é Espanha. Deste lado somos portugueses, do outro espanhóis. E tudo o resto é ruído.

REPORTAGEM

Activam-se iniciativas vicinais que questionam o TAV defendendo o transporte de proximidade

AS ANÁLISES CRÍTICAS ABROLHARAM EM PEQUENOS CÍRCULOS E TOMAM CORPO AGORA EM COLECTIVOS DE AFECTADOS

O projecto de Trem de Alta Velocidade (AVE em versom espanhola) é a ponta de lança dum novo modelo de transporte que comunica os grandes núcleos de povoaçom para garantir a rápida mobilidade de mercadorias e dirigentes. Enquanto merece contestaçons contundentes em vários pontos da Europa (de Itália ao País Basco, passando pola Catalunha), na Galiza começamos a intuir os seus efeitos. As análises críticas abrolhárom em pequenos círculos mui politizados, e agora estám a tomar corpo em colectivos de afectados. NOVAS DA GALIZA traceja umha pequena geografia do descontentamento.

ANTOM SANTOS / Se se cumprirem os prazos cacarejados pola classe política que governa, a Galiza estará ligada às linhas do TAV no ano 2012. Um argumento recorrente pom em causa que no nosso país chegue a circular o dito AVE; a orografia esgrévia do nosso país impedirá que supere os 190 km/h de velocidade, nomeadamente nalguns dos troços mais difíceis. Independentemente desta consideraçom, o novo modelo de comboio fomentado polos três partidos parlamentares partilha os traços do TAV, que se populariza em todo o continente. Com o AVE chega um modelo de transporte que eleva a velocidade a valor em si, une núcleos afastados isolando os mais próximos, e encarece sensivelmente a mobilidade por rodovias. Lá onde se impujo, gerou-se umha dualidade de passageiros e umha imparável privatizaçom das velhas redes, que passárom a ser consideradas como "nom rendíveis". Por umha banda, executivos e outros quadros empresariais monopolizárom as linhas de alta velocidade: viagens curtas de ida e volta, longas distáncias e ligaçom entre núcleos economicamente activos no tipo de transporte que hoje associamos ao aviom; por outra, multidom de trabalhadores e trabalhadoras que habitam a conurbaçom ou a "cidade dispersa", que recorrem ao carro particular ou o autocarro para chegarem ao seu destino laboral, privados de qualquer outra alternativa.



A oposiçom à alta velocidade ferroviária estende-se a diferentes núcleos populacionais afectados pola sua irrupçom

Por umha banda, executivos e outros quadros empresariais monopolizárom as linhas de alta velocidade: viagens curtas de ida e volta, longas distáncias e ligaçom entre núcleos economicamente activos no tipo de transporte que hoje associamos ao aviom

Efeitos mais graves na Galiza

Ainda que semelhe umha obviedade que nom cumpre enunciar, a classe política esquece que os efeitos do TAV serám ainda mais lesivos na Galiza. O desenvolvimento urbanístico da passada década nom foi acompanhado no nosso país de qualquer umha planificaçom; nom existem linhas de proximidade nos contornos das grandes cidades atlánticas, de maneira que o autocarro, e nom o comboio, é o meio de deslocamento preferido para as economias mais modestas. Também nom podemos esquecer que a ligaçom ferroviária entre várias urbes do país sempre foi mínima, quando nom inexistente. Apenas o corredor do eixo atlántico está atravessado por linhas de frequência. Som os pontos periurbanos ou directamente rurais da fachada atlántica que seram ignorados no projecto do TAV.

Oposiçom começa nas Marinhas

Em Janeiro de 2007, dúzias de vizinhos da comarca das Marinhas começam reunions informativas, alarmados polo anúncio do BOE sobre a linha de alta velocidade entre Corunha e Betanços. Javi Farto, presidente da Associaçom de Afectados que nasceu destes encontros, manifesta ao NOVAS DA GALIZA que o primeiro inimigo da vizinhança "é o obscurantismo institucional". Apenas o ámbito municipal, diz este representante dos vizinhos, se salva da passividade que demonstram a Junta e o governo espanhol. Para Javi Farto, a questom é especialmente grave, "porque estám em jogo economias familiares, propriedades, e património colectivo mui valioso". Com efeito, o traçado previsto levará por diante numerosas exploraçons agrícolas, vivendas, pequenos negócios e, se nada o impedir, a conhecida Fraga de Cecebre. Os afectados também nom esquecem que nessa zona –umha das mais povoadas da Galiza – Ferrol e Corunha se unirám como duas ilhas, "esquecendo os milhares de pessoas que precisam deslocar-se em transporte público num pequeno raio".

Com o AVE chega um modelo de transporte que eleva a velocidade a valor em si, une núcleos afastados isolando os mais próximos, e fai mais cara a mobilidade por rodovias. Lá onde se impujo, gerou umha dualidade de passageiros e umha imparável privatizaçom das velhas redes

Portas também implicado

Das Marinhas para o sul, a preocupaçom medra. Em Catoira, na boca da ria de Arouça, o temido viaduto do TAV ameaçará a fertilidade de bancos marisqueiros, e parte da linha férrea afectará propriedades em mao comum. A pouca distáncia, em Portas, a vizinhança já começou a organizar-se. Fernando Gómez, presidente da Plataforma em Defesa do Trem Regional, diz que os poucos meses de andaina organizada já supugérom passos avante. Exigem que se respeite integramente o actual serviço de comboio regional e, além disso, que se ponha em andamento um verdadeiro serviço de proximidade, inexistente na Galiza. Seguindo o exemplo de outros modelos organizativos semelhantes, a plataforma de Portas tenciona "que nenhum partido político, da cor que for, abandeire esta luta". De feito, a entidade formam-na sócios filiados individualmente.

Coordenaçom nacional

Tanto Javi Farto como Fernando Gómez coincidem na necessidade dumha coordenaçom nacional. "Está-se a trabalhar nisso", dim-nos "para preparar a defesa dos afectados, como para propor alternativas". De facto, em meados de Março reunírom-se em Compostela diversas entidades "com a ideia de artelhar umha iniciativa em favor do trem de proximidade". Se assi for, estará-se a tecer umha rede com vozes dispersas, e nom tam minoritárias como talvez pudesse parecer. Seguiriam-se os passos iniciados há anos por colectivos como o Grupo de Agitaçom Social, de Vigo, ou Verbo Xido, de Cerdedo, que apresentárom alegaçons ao TAV Vigo-Ourense. Os primeiros passos conjuntos dam-se agora. Passos seguros e firmes, pois sabem que se enfrentam ao mais absoluto consenso institucional, e a interesses económicos que restringem a voz da imprensa dominante. De hoje ao 2012 saberemos o que dá de si na Galiza a luta contra o AVE.

REPORTAGEM

O maior concurso eólico da história implicará instalar 2.000 novos geradores nos montes

INDÚSTRIA MUDA CRITÉRIOS MAS MANTÉM O IMPULSO MASSIVO DO NEGÓCIO DO VENTO. PREPARAM-SE PERTO DE 30 NOVOS PARQUES

A Conselharia da Indústria abriu o concurso para distribuir 2.325 novos mega watts (MW) de potência eólica, a que aspirarám as grandes empresas do sector e representantes dos capitais autóctones. Os novos critérios anunciados por Fernando Blanco e Anxo Quintana nom evitam o impacto paisagístico e ambiental de umha iniciativa decidida a fortalecer o papel da Galiza como potência energética. Estes planos chocam com as previsons da Rede Eléctrica Espanhola, que nom prevê instalar as necessárias ligaçons de alta tensom até polo menos o ano 2015, precisamente polo excedente energético deste país exportador, o que foi objecto de denúncia por parte de organizaçons ambientalistas e nacionalistas.

H. C. / Os parques eólicos instalados hoje na Galiza disponhem de 3.880 MW de potência e autorizaçom para contar com mais 295. A nova oferta lançada pola Conselharia da Indústria, 2.325 novos MW, significa incrementar em mais de metade a capacidade das indústrias energéticas do vento, o que envolverá necessariamente instalar uns 2.000 novos moinhos em mais de 25 novos parques eólicos.

A Conselharia manifestou a vontade de proteger os espaços da Rede Natura e de impor novos critérios para seleccionar as empresas adjudicatárias. Isto, porém, nom impedirá proliferarem estas visíveis instalaçons, sem que isso leve a reduzir sequer a produçom das outras indústrias energéticas nem a corrigir os efeitos da política do PP neste ámbito, o que fora denunciado no passado número do NOVAS DA GALIZA.

Por parte da Direcçom Geral da Indústria, Anxo Calvo negociara com a patronal representada na Associaçom Eólica da Galiza para evitar a interposiçom de recursos. No entanto, pouco depois de se tornar público o acordo, a Endesa e a Eurus interpunham dous recursos contencioso-administrativos nos tribunais, enquanto a Enerfin, a Gamesa, a Adelanta Corporación e a própria Endesa interpunham quatro recursos hierárquicos que a Conselharia considerou improcedentes.

Dá-se a circunstância de as empresas que optárom por recorrer judicialmente serem sócias da Acciona-Enel, a principal companhia eólica operante na Galiza depois de apoderar-se de metade do capital dos parques da Eurovento, metade da divisom eólica da Fenosa e de controlar os mega watts da Endesa. Actualmente dispom de 1.344 MW, o duplo da capacidade com que conta a Iberdrola, a segunda na lista. No passado número desta publicaçom situávamos erroneamente a Gamesa como líder do sector na Galiza, por termos utilizado como referência os dados nom actualizados fornecidos através da web da patronal eólica. No entanto, o controlo actual do grosso da produçom eólica está nas maos da jóia da coroa de José Manuel Entrecanales, o cluster Acciona.



A nomeaçom de Juan José Álvarez Carril, procedente da trama energética do PP, à frente do ente energético teria melhorado as relaçons institucionais com as empresas e favorecido as negociaçons promovidas por Indústria

Fortunas galegas à procura de MW

No desenho do mapa eólico gestado polo PP só 11% dos mega watts outorgados estavam em maos de capitais galegos. A nova oferta da Indústria prevê promover a entrada de fortunas autóctones no reparto do bolo. A empresa galega que solicita mais potência é a construtora San José, que aspira a gerir perto de 2.000 MW e que mantém boas relaçons com Anxo Quintana através do seu presidente Jacinto Rey, que controla a empresa editora d'*A Nosa Terra*. A Gaelsa Energías, que pede 600 MW, é a empresa liderada por Manuel Jove e, entre outros, Epifanio Campo, que assistiu ao comício eleitoral central do BNG na Corunha e é irmao do ex-presidente da Cámara de Ortigueira, Antonio Campo. Outro dos grupos, apadrinhado por Roberto Tojeiro, é o formado pola Gadisa, a Copasa e a Coren, denominado Andavia Renovables, que aspira ao duplo de potência do solicitado pola Gaelsa. Entre os capitais galegos que entram no concurso encontram-se também outros vinculados aos estaleiros da Vulcano e a Armón. Quanto às financeiras, estas nom ficam atrás: a Caixa Galicia participa do capital da Norvento, que pede mais de 1.000 MW, enquanto a Caixanova, associada com a Elecnor, opta a umha quantidade semelhante de potência e já dispom de experiência no ámbito.

> A saída de Xoán Ramón Doldán do INEGA foi avaliada positivamente polas eólicas, conforme referem representantes do sector que o consideravam um impedimento para cumprirem alguns dos seus objectivos

Rede Eléctrica pom o freio

A Conselharia da Indústria pretende pôr em andamento os anunciados 6.500 MW para o ano 2012, mas a sua vontade choca com os pareceres da Rede Eléctrica Espanhola (REE). A REE ratificou o carácter excedentário em matéria energética da Galiza para justificar que nom dotará esta comunidade das necessárias ligaçons às linhas de alta tensom até, no mínimo, o ano 2015. Por este motivo, fontes do sector referem que a única possibilidade de tornar rendível o investimento até que este contasse com as prestaçons que deve outorgar o Ministério estaria em viabilizar operaçons especulativas que beneficiariam empresas que já contam com ligaçons às redes de alta tensom. Outras fontes apontam a umha repartiçom com mais peso político do que técnico já que dá prioridade a determinados capitais e as ofertas som susceptíveis de altas doses interpretativas por parte da Junta.

> Os anunciados 6.500 MW para o ano 2012 chocam com os pareceres da Rede Eléctrica Espanhola, que ratificou o carácter excedentário em matéria energética da Galiza para justificar que nom dotará esta comunidade das necessárias ligaçons às linhas de alta tensom até, no mínimo, o ano 2015

Novos critérios para negócio velho

A participaçom pública dos novos eólicos, que passou de inicialmente considerar-se vinculante a ser um critério ponderativo, terá um valor de 22 pontos sobre 100 à hora de valorizar as ofertas empresariais. Outros oito pontos repartirám-se a partes iguais entre a participaçom de particulares nos investimentos e a implicaçom nos parques dos proprietários dos terrenos. Por parte da Junta manifestam estar a impulsionar um tecido gerador de riqueza e emprego. Valorizarám também as ofertas que incorporem a criaçom de indústrias complementares para fomentar o investimento no País.

A saída de Xoán Ramón Doldán do INEGA foi avaliada positivamente polas eólicas, conforme referem representantes do sector que o consideravam um impedimento para cumprirem alguns objectivos. A nomeaçom de Juan José Álvarez Carril, procedente da trama energética do PP, à frente do ente energético teria melhorado as relaçons institucionais com as empresas e favorecido as negociaçons promovidas pola Conselharia da Indústria.

A FUNDO

Militar ferrolano renuncia a alto cargo político para presidir umha empresa armamentística

O LEITOR DO PREGOM DA SEMANA SANTA NA CIDADE DEPARTAMENTAL ASCENDEU AO CUME DA ESCALA MILITAR

Depois de ascender na carreira militar, erigir-se em assessor político do Ministério de Defesa e atingir a segunda posiçom no Exército espanhol, Francisco Torrente Sánchez decidiu que a melhor maneira de culminar a sua meteórica progressom era o mundo da empresa. Mas no seu terreno, e assim, um mês depois de renunciar à secretaria geral de política de defesa no gabinete de José Antonio Alonso, passou a presidir a Explosivos Alaveses SA (Expal), transnacional denunciada por vender bombas de fragmentaçom entre outros materiais bélicos. Trata-se de um influente militar rodeado agora de importantes poderes na Expal que atingem a própria Casa Real, cujo assessor jurídico, também galego, fai parte da administraçom da empresa.

HILDA CARVALHO / Explosivos Alaveses, a quarta empresa mundial na fabricaçom de explosivos e muniçom avançada, conta com um longo currículo na comercializaçom de armamento sujo a nível internacional desde a década de oitenta. As denúncias actuais de entidades ambientalistas e antimilitaristas acusam-na de produzir bombas de fragmentaçom, mas antes já fora investigada pola ONU por fornecer material bélico com gás mostarda ao Iraque e foi relacionada com a elaboraçom da bomba explosiva de ar combustível, um dispositivo de destruiçom maciça com efeitos similares aos das bombas atómicas. Fontes especializadas indicam que foi o primeiro fabricante do Estado de minas antipessoais e bombas de dispersom, tendo facturado nas suas exportaçons passadas mais de 1.000 milhons de pesetas.

O almirante-general Francisco Torrente Sánchez preside a empresa desde inícios de 2007, semanas depois de se demitir do cargo de secretário geral de Política da Defesa, que o situava na segunda posiçom do Ministério. Apesar de ter aduzido motivos pessoais e de os diários espanhóis apontarem a que queria dedicar-se à atençom da família, os planos de Torrente Sánchez dirigiam-se a aproveitar o seu poder político e militar para pôr-se à frente da controversa empresa de armas.

A legislaçom de incompatibilidades impedia-lhe participar em negócios vinculados ao seu posto político durante dous anos, mas um relatório jurídico do Ministério da Defesa premiou-lhe os serviços autorizando-o a presidir a lucrativa empresa de fabrico de armas.

Depois de ascender na hierarquia militar até vir a ser general de quatro estrelas, assume postos de responsabilidade política, chegando a ser assessor de sete ministros da Defesa dos dous grandes partidos espanhóis. Federico Trillo ascende-o a chefe do Estado-Maior da Armada, mas é com José Bono que atinge o Secretariado Geral em Política da Defesa, conferindo-lhe competências de Secretário de Estado, o que o converte no primeiro integrante da cúpula do Exército espanhol a ocupar este cargo. Assim, situa-se no segundo posto do ministério e também do protocolo militar, só por baixo do próprio monarca espanhol.



Francisco Torrente iniciou as tramitaçons com umha agência da NATO para contratar umha série de avions entre os que se encontrava o sinistrado Yakolev-42. Porém, foi o único integrante da cúpula militar que conservou o seu posto

A empresa que agora preside pressionou os representantes políticos para que estes lhe permitissem continuar produzindo bombas de fragmentaçom.

Apesar de o Estado espanhol ter assinado a recente Declaraçom de Wellington para proibir este tipo de armas de guerra, Espanha fai parte do grupo de estados que solicitam contemplar excepçons para consentir certas modalidades destes explosivos, o que ainda é objecto de debate entre as delegaçons que assinárom o tratado.

Expal, o negócio da morte

A empresa Explosivos Alaveses SA é umha das líderes mundiais na produçom e comercializaçom de material bélico. Entre o arsenal que distribui há minas anticarro, bombas que explodem depois de penetrar em edifícios, granadas de morteiro ou as denunciadas bombas de fragmentaçom, que contêm centos de pequenas bombas que se espalham sobre uma grande superfície e podem explodir apenas anos após o seu lançamento, matando sobretudo civis.

A empresa foi acusada de proporcionar armas ao reino de Marrocos, (lembre-se que o exército marroquino utilizou minas antipessoais contra o povo saariano), ao estado de Israel e ao Iraque de Sadam Hussein, além doutros estados em conflito que som difíceis de identificar devido à opacidade que caracteriza o Estado espanhol no comércio de armas.

Entre o ano 1995 e o 2002 o Ministério da Defesa contratou-lhe o fornecimento de muniçom e explosivos num montante que ultrapassou os quatro mil milhons de pesetas, o que fai desta empresa umha das maiores fornecedoras de armamento para o Exército espanhol.

No caso das guerras do Iraque, enviados das Naçons Unidas que examinavam o território iraniano atacado polo país vizinho com gás mostarda localizárom umha bomba deste tipo sem explodir com a inscriçom da companhia. Trata-se do mesmo material que o exército iraquiano utilizara contra comunidades curdas, o que motivou o processamento internacional de líderes do governo de Sadam Hussein.

A cumplicidade da banca com o comércio de armas tem saído à luz pública em reiteradas ocasions e a Expal nom é alheia à promiscuidade entre os poderes económicos e o negócio da guerra. Em Outubro do ano passado beneficiava do maior crédito sindicado da história espanhola, obtendo 300 milhons de euros por parte de umha trama de 18 entidades financeiras entre as quais destacam Banesto, o BBVA e La Caixa.

A cobertura internacional

A falta de transparência no comércio de armas favorecida polas instituiçons espanholas aumenta com a rede internacional de empresas com que conta a Expal, cuja empresa matriz, a holandesa Pallas Invest, tem a sede no paraíso fiscal de Curação, nas Novas Antilhas. Ainda, dispom de companhias dependentes em 20 estados, tais como o Ghana, Mali, os Camarons, Kazajstám ou Marrocos. Desta maneira, ainda que vinhesse a materializar-se a interdiçom das bombas de fragmentaçom no estado espanhol, a empresa disporia de recursos suficientes para continuar a comercializá-las através das suas filiais.

Deputados do Congresso espanhol manifestárom a sua preocupaçom perante esta hipótese, pois a lei de comércio exterior de material bélico poderia ser vulnerada através de estados que permitem umha densa opacidade nas operaçons fiscais como algum dos anteditos onde Explosivos Alaveses tem empresas.

> A opacidade no comércio de armas aumenta com a rede internacional da Expal, cuja empresa matriz, Pallas Invest, tem sede no paraíso fiscal de Curação, nas Novas Antilhas. Tem companhias dependentes em 20 estados, tais como Mali, os Camarons ou Kazajstám. Ainda proibindo as bombas de fragmentaçom o Estado espanhol, a empresa disporia de recursos para vendê-las através das suas filiais

> A cumplicidade da banca com o negócio é palpável. Em Outubro do ano passado a Expal beneficiava do maior crédito sindicado da história espanhola, obtendo 300 milhons de euros por parte de umha trama de 18 entidades financeiras entre as quais destacam Banesto, o BBVA e La Caixa



Francisco Torrente tinha atingido o máximo cargo militar no Ministério de Defesa

Escalando até o cume da política militar

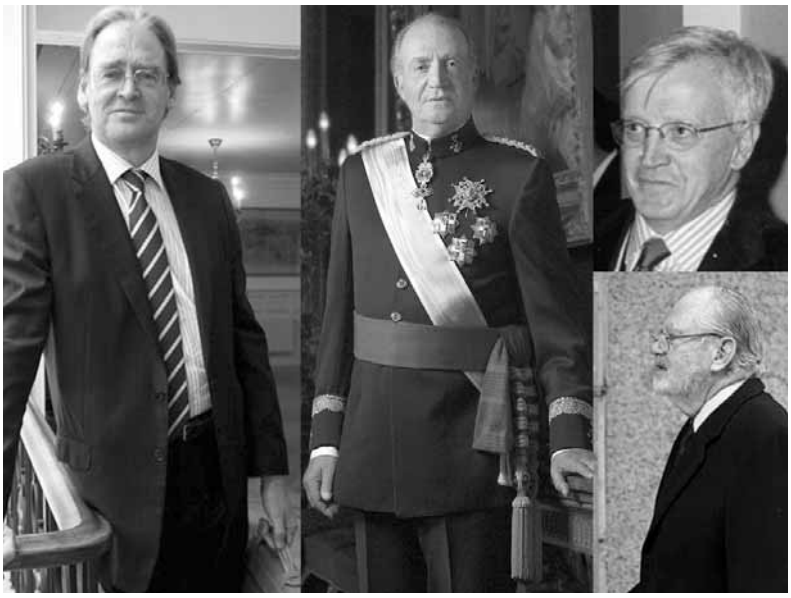
Francisco Torrente, nado em Ferrol, ingressou aos 16 anos na Escola Naval Militar. Era o ano 1956 e encetava a sua trajectória num exército em que atingiu as mais altas patentes. De exercer a chefia da Secçom de Planos e Programas Logísticos do Estado-Maior da Armada passou a ser subdirector geral de Estudos e Planos da Direcçom Geral do Serviço Militar e depois subdirector de Manutençom da Direcçom de Construçons Navais Militares da Chefia de Apoio Logístico da Armada. Seguírom-lhe cargos políticos com diferentes ministérios da Defesa, nos quais se assinalou por impulsionar a Lei de Defesa Nacional ou a Lei de Tropa e Marinharia, que melhorou as retribuiçons dos militares espanhóis e garantiu-lhes salários à perpetuidade. Em geral, todas as mudanças empreendidas no seio do exército em base a decisons políticas contárom com o seu assessoramento, tal como a nova Directiva de Defesa aprovada na seqüência do 11-S para adequar o papel das Forças Armadas, incidindo na necessidade de fortalecer o papel da inteligência militar.

A sua intervençom mais polémica estivo relacionada com a compra do Yakolev-42, o aviom cujo acidente na Turquia causou a morte de 62 militares espanhóis. Foi Torrente Sánchez o militar que estabeleceu contactos com umha agência da NATO para contratar avions de fabricaçom russa, o que suscitou discrepáncias por parte de destacados militares. Até aí, os avions empregados para este tipo de operaçons eram de origem espanhola. Apesar das suas responsabilidades, foi o único membro da cúpula militar que conservou os cargos após a depuraçom empreendida com a chegada do PSOE ao governo. Ainda mais, depois das mudanças na direcçom do Exército foi promovido polo Ministério de José Bono ao cargo de director general de Política de Defesa, isto é, o segundo de bordo depois do ministro.

> A sua intervençom mais polémica tivo relaçom com o Yakolev-42, o aviom cujo acidente causou a morte de 62 militares. Foi Torrente o militar que iniciou contactos com a NATO para contratar avions de fabricaçom russa

No mês de Fevereiro passado o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Miguel Ángel Moratinos, engrossava o seu cabedal de condecoraçons agraciando-o com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Civil, aprovada polo Conselho de Ministros, umha vez renunciara aos seus cargos políticos e justo antes de presidir a Expal.

Na sua cidade natal goza de especial estima por parte de certos políticos e empresários. Em 2005 foi nomeado Ferrolano do Ano pola Cámara Municipal, umha decisom que contou com o apoio unánime de todos os grupos políticos com representaçom municipal. E a inícios deste mês de Março, leu o pregom da Semana Santa de Ferrol na concatedral de Sam Juliám.



Ángel Mullor, privatizador da Ibéria; Juan Carlos de Bourbon, monarca da Espanha; José Manuel Romero Moreno, assessor jurídico da Casa Real, e Manuel Prado y Colón de Carvajal, ex-administrador privado das finanças do rei espanhol

Vínculos com a monarquia e os poderes fácticos espanhóis

Outro galego com presença na administraçom da Expal exerce como assessor jurídico de Juan Carlos de Bourbon e da Casa Real desde 1993. Trata-se de José Manuel Romero Moreno, titulado do Conde de Fontao e Marquês de Sam Sadurninho. Oferece também os seus serviços de assessoramento para a fundaçom da Caixa Galicia e a Pedro Barrié de la Maza, ligada ao Banco Pastor, entre outros organismos estatais e internacionais. É o vice-presidente da Fundaçom para as Relaçons Internacionais e o Diálogo Exterior e é membro da assembleia directiva do Clube de Madrid, umha agrupaçom internacional de líderes políticos integrada por ex-presidentes como José María Aznar ou Felipe González. Perante as perguntas de jornalistas definiu-se como "um ser profundamente religioso, espanhol, galego e madrileno".

As ligaçons de Explosivos Alaveses com a monarquia espanhola remontam aos tempos em que esta empresa fazia parte do Grupo KIO através da sociedade Ercros, na altura da primeira guerra do Golfo Pérsico. Conversas telefónicas em poder do empresário condenado Javier de la Rosa aludem a que Manuel Prado y Colón de Carvajal recebera 100 milhons de pesetas procedentes do agrupamento empresarial quando este era administrador privado da fortuna do monarca. Conforme à revista de investigaçom *Kale Gorria* o dinheiro teria sido destinado a pagar os serviços prestados polo rei espanhol nesta guerra, por ter favorecido que o exército norte-americano pudesse utilizar as bases militares de Rota e Torrejón de Ardoz durante a operaçom denominada "Tormenta do Deserto". E ao mesmo tempo, a transnacional kuwaiti KIO lucrava-se com a venda de minas ao governo do Iraque quando o seu exército estava a invadir o próprio país de origem da empresa, trabalhando para os dous bandos em conflito por interesses económicos.

> José Manuel Romero, administrador da Expal, é assessor jurídico da Casa Real desde a década de '90 e assessora fundaçons da Caixa Galicia e do Banco Pastor. A Expal fixo parte do Grupo KIO, de quem Manuel Prado y Colón de Carvajal teria recebido 100 milhons de pesetas para pagar serviços do monarca conforme a investigaçons jornalísticas. Ángel Mullor Parrondo, gestor da privatizaçom da Ibéria, também fai parte da empresa

Como conselheiro da Expal e integrante da sua administraçom figura Jesús del Olmo Pastor. Este militar espanhol exerceu como general auditor do Corpo Jurídico Militar e recebeu em 1995 a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar.

Procedente do ámbito empresarial, no núcleo de poder de Explosivos Alaveses, destaca Ángel Mullor Parrondo, quem ganhou notoriedade por liderar o processo de privatizaçom da companhia de aviaçom Ibéria. Umha vez conseguido o objectivo e com a saída à bolsa em 2001, foi nomeado conselheiro delegado da empresa.

O desembarque de políticos e militares nas empresas de armas nom é exclusivo da Expal. Outra das grandes companhias espanholas do sector, a Instalaza, conta entre os seus accionistas com Pedro Morenés Eulate, quem desempenhara o cargo de Secretário de Estado para a Segurança, com altas funçons executivas na direcçom dos corpos repressivos. A Instalaza é a outra empresa espanhola denunciada por comerciar com bombas de fragmentaçom por organismos como Greenpeace.



A vereadora de IU incrementou o dinheiro público para a Semana Santa em 45%



Mais de 95% das mortes que provocam estes explosivos som civis. Os seus efeitos podem ameaçar vidas durante décadas

Yolanda Díaz, a comunista que bate recordes em financiar as manifestaçons católicas

A vereadora do Turismo de Ferrol, Yolanda Díaz, surpreendeu por incrementar as dotaçons para a Coordenadora de Confrarias que organiza as procissons da Semana Santa em 45%, passando a Cámara Municipal de dar 45.000 euros a financiar as marchas católicas com 70.000 euros até o ano 2011, considerando ainda umha suba anual do equivalente às oscilaçons no índice de preços ao consumo. Assim, o ente local será o primeiro mecenas da 'paixom' ferrolana, ultrapassando os donativos proporcionados pola Caixa Galicia que ascendem a 50.000 euros.

Na leitura do actual pregom deste evento Francisco Torrente manifestou sentir-se "mui honrado" por ter sido eleito para pronunciar este discurso ao entender que nom tem "mérito nenhum para merecer tam enorme privilégio". Definiu a "paixom de Cristo" como o "núcleo central da fé cristá" e congratulou-se polo seguimento amplo com que contam as celebraçons da Semana Santa na cidade departamental.

> A Cámara Municipal passa de dar 45.000 euros às marchas católicas a financiá-las com 70.000 euros até o ano 2011, considerando umha suba anual equivalente às oscilaçons no índice de preços ao consumo. O ente local será o primeiro mecenas da 'paixom', ultrapassando Caixa Galicia, que fornece 50.000 euros

Bombas que assassinam civis anos depois de serem lançadas

As bombas de fragmentaçom som artefactos que contenhem no seu interior um grande número de pequenos explosivos que se espalham numha área determinada depois de serem lançados de um aviom. Podem chegar a ser mais de douscentos em cada carcaça e som umha modalidade de armamento especialmente agressiva contra a populaçom civil, com consequências semelhantes às das minas antipessoais. Estima-se que mais de 95% das mortes provocadas por estes explosivos som civis, e os seus efeitos letais podem permanecer ameaçando as pessoas durante décadas. É o caso do Camboja, onde ainda hoje ficam bombas activas da época da guerra do Vietnám.

A Expal defende-se aduzindo que os explosivos deste tipo que fabrica contenhem um mecanismo de autodestruiçom que impediria estes efeitos, mas diferentes estudos indicam que entre 5 e 30 por cento das submuniçons nom explodem ao cair, estourando ao serem tocadas. As elevadas possibilidades de erro fam parte das argumentaçons do grupo de estados que estám a instar à proibiçom total destas armas.

> As bombas de fragmentaçom contenhem no interior pequenos explosivos que se espalham numha área determinada depois de serem lançados. Podem ser mais de 200 em cada carcaça. Som umha modalidade de armamento com consequências semelhantes às das minas antipessoais

As bombas de fragmentaçom fôrom utilizadas em mais de vinte conflitos bélicos e matárom cerca de cem mil pessoas. O próprio Exército espanhol trabalha na neutralizaçom das bombas deste tipo que Israel lançara sobre o Líbano no seu último confronto com a guerrilha de Hezbollah. E ao mesmo tempo dispom de diferentes modelos destas armas no seu arsenal, parte deles importados dos EUA e outros procedentes de empresas espanholas como a Expal.

A Declaraçom de Wellington, que procura a interdiçom internacional das bombas de fragmentaçom, foi apoiada por 83 estados, entre eles o espanhol. No entanto, um grupo de potências, entre as quais se encontra a Espanha, solicita que se abram excepçons no veto para consentir a continuidade de explosivos como os que a Expal fabrica e vende, o que acabará por decidir-se na próxima reuniom, em Maio, em Dublin. Depois da sua conclusom, o Estado terá que acatar definitivamente o tratado.

Livraria A Palavra Perduda
Rua Castanheiros 13 R/C. (esquina Pelámios)
15705 – Santiago de Compostela
Telf.: 981554045 / Fax: 981554960
E-mail: perduda@interbook.net

neves asesoría
Francisco Xosé Neves Alvarez
Graduado Social
R/ Morales Hidalgo, 16
36860 Ponte Areas
Teléfono: 986 644 059

galizalivre.org
INFORMAÇOM LIVRE E SEM BARREIRAS



O IMPERIALISMO JÁ NOM É INVENCÍVEL
Leia e subscreva-se a:
RESUMEN Latinoamericano
Um projecto comunicacional com 15 anos de existência que serve para enfrentar o discurso dos poderosos
Correio: resumenlat@yahoo.com.ar
Telefone: 630262156

NOVAS DA GALIZA
15 de Março a 15 de Abril de 2008

REPORTAGEM

O conflito lingüístico que 'nom existia'

ADORMECIDA DURANTE ANOS, A GUERRA DO IDIOMA VOLTA A TRAVAR-SE NA RUA

Com a proximidade das eleiçons estatais de 2008, irrompia com certa força um fenómeno até agora praticamente desconhecido no nosso País. Na legislatura do lema "España se rompe", repetido sem descanso por meios de comunicaçom de tendência conservadora ou liberal, unidos pola 'urgência' de um espanholismo mais intransigente, vários colectivos surgiam activos como nunca se tinha visto em defesa dos direitos dos hispanófonos na Galiza. O pretexto, na seqüência da aprovaçom do decreto de promoçom do galego no ensino (124/2007), era a reivindicaçom do direito dos pais e maes a decidirem sobre a educaçom dos seus filhos, neste caso em termos do idioma escolhido.

RAIMUNDO SERANTES / Em Vigo e na Corunha já nom se fala galego. Basta ir lá, escutar e olhar para os lados. O galego vai a caminho de se converter numha língua residual noutros núcleos urbanos, mas é nestas cidades onde se começa a notar a desvinculaçom geracional e afectiva da língua própria que sofrem amplas camadas da populaçom. O conflito lingüístico que 'nom existia' reaparece agora com força nestas urbes, através de grupos abertamente declarados contra a normalizaçom lingüística e de maos dadas aos seus habituais 'negacionistas'. Galicia Bilingüe e mais dous grupos nascidos precipitadamente nos meses prévios à campanha eleitoral som outro sintoma de um declínio lingüístico que poucos querem antever. E ainda som menos os que se atrevem a identificar as causas da decadência, saindo para a rua, encarando a nova situaçom e denunciando a desastrosa política lingüística com que temos caminhado aos tombos nas últimas décadas.



O acto de Galicia Bilingüe em Vigo contou com a resposta de umha nutrida concentraçom no exterior da conferência e também com a presença de jovens que irrompérom no interior durante o acto, resultando agredidos por assistentes

A proliferaçom de grupos radicais

A Mesa por la Libertad Lingüística e Galicia Bilingüe surgiam da semente deixada por Tan Gallego como el Gallego, um colectivo internáutico que já gerara bastante polémica no momento da criaçom do seu blogue e que tinha recebido umha sarcástica resposta de êxito similar (Tan Gallego como el Gazpacho). Tan Gallego como el Gallego anunciava em Novembro a sua extinçom para dar passo aos novos grupos contrários ao galego: "Desta iniciativa cívica surgírom duas associaçons, Galicia Bilingüe e Mesa por la Libertad Lingüística, que se unem à préexistente AGLI [Asociación Gallega para la Libertad de Idioma] na denúncia do regime linguocrático, sem prejuízo das peculiaridades de cada umha em relaçom às medidas ou soluçons para nos livrarmos dele". Para além da maior presença da primeira associaçom em Vigo e da segunda na Corunha, as peculiaridades mencionadas tenhem a ver com focagens mais ou menos politizadas da batalha lingüística. Neste sentido, a fórmula mais sucedida foi a de Galicia Bilingüe, que chegou a concentrar centenas de pessoas no acto de apresentaçom de 50.000 assinaturas para derrogar o decreto 124/2007, formulando o objectivo concreto da divisom do ensino por modelos lingüísticos, nom compartilhado por todo o movimento espanholista. De maneira mais ou menos explícita, no entanto, os colectivos pró-espanhol surgiam com imensa vontade de dialogar no cenário político, influindo nomeadamente na ideologia lingüística do Partido Popular. Neste propósito nom estám sós, coincidindo com umha amálgama de fóruns extremistas dados a conhecer na Internet que parecem querer dar a sensaçom de movimento social amplo: Vigueses por la Libertad, Radicales Libres, Coruña Liberal, Comisión de Seguimiento de la Reforma del Estatuto de Autonomía de Galicia, Galicia Libre de Nacionalismos ou os sites *www.heterodoxias.net*, *www.afavordelcastellano.org*. A COPE, encantada com o novo papel destes grupos apressava-se a acusar Manuel Fraga do início da 'limpeza étnica' na Galiza, por transferir para o País normas de origem catalá, e punha de manifesto como, sem a visibilizaçom deste sector, nom teria sido possível a oposiçom do PP galego ao decreto de galeguizaçom do ensino. Porém, atrás de todos estes nomes, aliás bastante familiares entre si, encontram-se amiúde as mesmas pessoas.

> A fórmula mais sucedida foi a de Galicia Bilingüe, que chegou a concentrar centenas de pessoas no acto de apresentaçom de 50.000 assinaturas para derrogar o decreto 124/2007

> Os colectivos pró-espanhol surgiam com imensa vontade de dialogar no cenário político, influindo nomeadamente na ideologia lingüística do PP. Neste propósito coincidem com umha amálgama de fóruns extremistas que querem dar a sensaçom de movimento amplo

Espanhóis por cima de todo

Apesar do discurso extremista e de terem sido identificados elementos ultras nas convocatórias da Mesa por la Libertad Lingüística na Corunha, os novos grupos nada tenhem a ver com a clássica extrema direita. A identificaçom absoluta com sectores adormecidos do PP galego mais rançoso tampouco seria exacta. Sobretodo nas grandes urbes galegas, Corunha e Vigo, existe umha importante percentagem de pessoas para as quais o galego é já umha língua totalmente estranha: com pais hispanófonos e a viver numha cidade culturalmente tam espanhola como qualquer outra do Estado, o galego é visto como umha imposiçom carente de sentido. Chegam a ver como umha 'ameaça' o facto de serem obri-

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar · Ginzo de Limia
Alto Minho · Catassol, 15 · Lugo
Artábria · Trav. Batalhons · Ferrol
Aturujo · Principal, 118 · Boiro
Atreu! · S. José, 8 · Corunha
Baiuca Vermelha · Ponte Areias
Casa Encantada · Betanços · Compostela
A Casa da Triga · P. Maior · Ponte Areias
A Cova dos Ratos · Romil, 3 · Vigo
Fervesteiro · Adám e Eva · Ferrol
A Formiga · Redondela
A Fouce de Ouro · Bertamiráns · Ames
O Fresco · Bº da Ponte · Ponte Areias
Henriqueta Outeiro · Compostela
Mádia Leva · M. Amor Meilám · Lugo
SRCD Palestina · Burela
O Pichel · S.Clara · Compostela
A Revira · Ponte Vedra
A Revolta · Real, 32 · Vigo
Roi Soga · Travessa, 3 · Noia
A Tiradoura · Reboredo · Cangas

faísca
local social · Galiza
Rua Toledo, 9 · Calvário · VIGO
faiscagz@hotmail.com

Rua Telheira, 9
(Zona Universidade)
aesmorga
LOCAL SOCIAL ★ OURENSE · GALIZA

ARRINCADEIRA
o ribeiro galiza



Em Lugo o autocarro de Galicia Bilingüe foi sabotado com pintura. A sua presença foi contestada em diferentes localidades

gados, como cidadaos galegos, a aprenderem galego. Mais do que de direita, de esquerda ou social-democratas, estas pessoas sentem-se sobretodo identificadas com os valores representados por umha 'España uniforme' que o poder autonómico galego nom conseguiu parar.

PP ou...?

Nom falta razom a quem vê no despertar do extremismo lingüístico espanholista a mao de um PP desesperado nos últimos compassos da campanha eleitoral. A presença de Corina Porro e outros líderes locais do PP no acto que Galicia Bilingüe organizou no García Barbón de Vigo, no dia e hora marcada para o comício central do PSOE nesta cidade, confirmam o receio. Porém, parece constatar-se também o aumento de um espanholismo sociológico que escapa aos cálculos eleitorais mais estritos. Muitos dirigentes destes grupos, parecem mais preocupados em endereçar a política cultural e lingüística dos partidos políticos, sejam quais forem, independentemente de quem ocupe o poder num momento ou noutro. Basta umha visita aos fóruns das suas páginas webs para perceber como a 'causa lingüística' também deu origem a um voto protesto contra a política do PP e do PSOE em relaçom ao nacionalismo, que consideram indulgente. A dirigente exsocialista Rosa Díez visitou a Galiza na passada campanha eleitoral prometendo derrogar "a lei de normalizaçom lingüística", algo que ainda mui poucas pessoas se atreveram a dizer publicamente. A proposta foi imediatamente aplaudida polos 'foreiros' que abarrotam os blogues dos diferentes grupos que simpatizam com a 'espanholizaçom lingüística' na Comunidade Autónoma Galega. No passado dia 9 de Março, Unión Progreso y Democracia (UPyD), conseguia 9.776 votos na Galiza, mais que o conseguido polo conjunto do movimento independentista em qualquer processo eleitoral. Na Galiza, onde esta formaçom carece de qualquer arraigo, Rosa Díez iria aproveitar o descontentamento com o PP que vários grupos pró-espanhol estavam a gerar no ambiente pré-eleitoral.

> Em Vigo, arriscando a sua integridade física, seis pessoas mui novinhas chegárom a infiltrar-se num teatro abarrotado para, umha por umha, interromper o discurso de Lago com voz tremente: "Bilingüismo é espanholismo"

Reacçons de todo o tipo

Inserindo o fenómeno na pura dinámica eleitoral, muitos galeguistas tentavam tirar ferro ao assunto. Umha simples constipaçom pré-eleitoral à qual convinha nom dar importância. Mas nom é esta a opiniom dos grupos mais comprometidos com a normalizaçom lingüística, que julgam necessário fazer frente a estes grupos, corrigindo ao mesmo tempo as políticas que os poderám tornar mais fortes. Os seus actos sofrêrom boicotes de grupos locais e espontáneos de quase todas as vilas e cidades polas quais passárom, desde os mais clássicos, com pintadas nos autocarros e interrupçom de discursos, até os mais originais, com concentraçons 'de apoio' aos espanholistas convocadas pola web ridicularista da Mesa contra el Libertinaje Lingüístico. Os protestos ajudavam a distinguir, talvez pola primeira vez, umha linha clara no movimento normalizador, a intransigente com o discurso bilingüista e despreocupada com os cálculos eleitorais, proveniente do ámbito dos centros sociais que proliferárom nas vilas galegas nos últimos anos.

> Na Corunha e em Vigo existe umha alta percentagem de pessoas para as quais o galego é já umha língua estranha: com pais hispanófonos e a viver numha cidade culturalmente tam espanhola como qualquer outra do Estado, o galego é visto como umha imposiçom carente de sentido. Mais do que de direita, de esquerda ou social-democratas, estas pessoas identificam-se sobretodo com os valores representados por umha 'España uniforme'

A resposta na rua

À espera de como vam evoluir os acontecimentos após as eleiçons, estes colectivos encontrárom umha resposta na rua que nom esperavam. Tampouco o movimento normalizador ligado ao nacionalismo maioritário esperava que se produzisse umha contestaçom espontánea na qual se envolvêrom nomeadamente pessoas ligadas ao reintegracionismo e ao independentismo. A presidenta de Galicia Bilingue repetia em vários meios de comunicaçom que tinha sentido "medo". Embora as imagens dos numerosos vídeos divulgados na Internet deixem claro que o 'medo' só o pudérom ter sentido as pessoas espancadas por polícias e 'bilíngües', a sensaçom de Glória Lago deixa ver que nom esperavam essa pressom por parte do movimento galeguizador. Em Vigo, arriscando a sua integridade física, seis pessoas mui novinhas chegárom a infiltrar-se num teatro abarrotado para, umha por umha, interromperem o discurso de Lago com voz tremente: "Bilingüismo é espanholismo". Fôrom expulsas com insultos acompanhados de fortes punhadas. Fora, entre cargas policiais e detençons, as pessoas concentradas berravam 'Na Galiza em Galego'. Dias depois, cerca de 20 dos participantes eram sancionados com multas que por agora somam 15.250 euros, com a acusaçom de "desordens". No fecho da ediçom as multas continuavam a chegar, mesmo a pessoas que nom assistírom à concentraçom, ainda que vinculadas ao centro social A Revolta.

O pró-bilingüismo histórico: AGLI

Embora a proliferaçom destes movimentos esteja nesta legislatura, umha associaçom com fins similares sobrevive desde 1988. A Asociación Gallega para la libertad de Idioma (AGLI), nunca conseguiu a incidência social das irmás e tampouco deve concentrar mais de umha dúzia de militantes. Nos últimos anos, dedicárom-se apenas a compilar artigos anti-nacionalistas da imprensa liberal espanhola, mas contam com umha produçom teórica nada desprezível que teria sido aproveitada polos actuais sócios antinormalizadores. Referimo-nos aos textos de Manuel Jardón e Eduardo López-Jamar, nomeadamente do primeiro, falecido em acidente de estrada e autor do livro *La 'Normalización Lingüística', una Anormalidad Democrática. El Caso Gallego*, um volume de 339 páginas publicado por Siglo XXI. España Editores. Ao contrário do percurso habitual destas pessoas, Jardón provinha do ámbito rural, de Vilar de Santos, e o galego era umha língua habitual no seu ámbito familiar. O segundo, ex-presidente da associaçom, tem-se envolvido em numerosos processos judiciais contra a galeguizaçom do ensino, praticamente a única actividade conhecida da AGLI.









CULTURA

DANIEL PIRES, DO ESPAÇO DE INTERVENÇOM CULTURAL PORTUENSE MAUS HÁBITOS

“Galiza está virada para dentro e o Porto para fora, sem sentimentos nacionalistas”

EDUARDO MARAGOTO / As palavras do Daniel bem podem ser um resumo das razons do relativo desinteresse que a cultura galega desperta no país ‘irmao’, polo menos naquele mais urbano. A biblioteca ‘Anna Politkóvskaya’ da Gentalha do Pichel quijo cruzar caminhos tam ‘divergentes’ durante umha tarde-noite e foi fazê-lo ao espaço que mais está a dar na capital do Norte, o ‘Maus Hábitos’. Levou música, teatro, livros e um autocarro de gente galega. Galiza em trânsito.



O Maus Hábitos é um referente iniludível da vida cultural do Porto. Galiza estivo presente recentemente neste espaço

O que achaste mais interessante da festa?

Correu muito bem, mobilizou imensa gente da Galiza interessada no projecto e curiosa de ver o Maus Hábitos. O lançamento dos livros foi preenchida quase 100% por galegos. Na parte da noite aí sim houvo mistura de gente do Porto e Galiza. Gostei do Teatro D2 e especialmente da banda Marful, que foi umha surpresa.

A comunicaçom cultural entre a Galiza e Portugal nom tem sido mui fluente nas últimas décadas... *Galiza em Trânsito* terá sido um ponto de inflexom, polo menos em relaçom à cidade do Porto?

Nom podo afirmar isso peremptoriamente, mas relativamente ao Maus Hábitos existe essa abertura a projectos vindos da Galiza. Em 2006 realizamos umha grande exposiçom, comissariada pola curadora Galega Cecília Pereira, e com o nome de Ap9-A3, a auto-estrada que faz o Eixo Atlântico, que liga a Corunha ao Porto. Somos desde sempre reconhecidos como um espaço sem preconceitos, e com vontade de estabelecer parcerias e relaçons culturais, sociais e económicas. Falo de economia porque o Maus Hábitos é umha empresa cultural e nom umha associaçom cultural, sendo que também temos umha associaçom com o nome de SACO AZUL, que utilizamos para as actividades nom lucrativas da empresa Maus Hábitos, como som as artes plásticas, a performance e também as residências artísticas. Os Maus Hábitos vam continuar nesta busca de novos contactos com ‘o nosso Norte’.

Como é vista a cultura galega, mui ligada à reivindicaçom lingüística, no mundo cultural português?

A imagem que temos da Galiza é de umha forte ligaçom à terra, e aos valores tradicionais: a língua, a palavra, a música popular e de influência celta, a gastronomia, os mitos, etc. O Porto tem umha forte influência anglo-saxónica, a nossa ligaçom à Inglaterra é inegável, o Vinho do Porto foi e é o nosso cartom de visita polo mundo fora e que gera valores sócio-políticos bastante importantes para a economia nacional. A muito particular arquitectura da cidade remete-nos para as mesmas influências de umha burguesia outrora abastada. Portanto temos umha Galiza virada para dentro, para os valores tradicionais e para umha cultura fortemente vinculada às raízes e um Porto virado para fora, sem qualquer sentimento nacionalista e sempre buscando de estar na “crista da onda”. Creio que por aqui surgem os principais problemas de interligaçom.

A IMAGEM QUE TEMOS DA GALIZA É DE UMHA FORTE LIGAÇOM À TERRA E AOS VALORES TRADICIONAIS: A LÍNGUA, A PALAVRA, A MÚSICA POPULAR E DE INFLUÊNCIA CELTA, OS MITOS... O PORTO TEM UMHA FORTE INFLUÊNCIA ANGLO-SAXÓNICA

MÚSICA

Ataque Escampe

‘Galicia es una mierda’

MARCOS PAYNO / O título já o di todo e para quem nom conhecer ainda os Ataque Escampe recomendo-lhe que dê umha vista de olhos à Regueifa Plataforma porque ali poderá encontrar os dous trabalhos publicados até o momento polos de Vista Alegre.

Rock de série B, instrumentaçons singelas e, sobretodo, atitude punk com umhas letras originais que nom deixam títere com cabeça. Ataque Escampe oferece umha proposta musical original e que abrange múltiplos estilos, do bolero ao punk, passando polo valsa, o tango, o country, o rock ou a rumba... Se o seu EP "Ed Wood e a invasión dos paraugas asasinos" (2007) nos surpreendeu a todos, "Galicia es una mierda" é um disco que, para quem segue a trajectória da banda, nom defraudará em absoluto.

Umha proposta que demonstra que o que está a acontecer nestes últimos anos na Galiza nom é casualidade e que estamos a viver sem dúvida algumha um momento criativo importante na história do rock galego, tanto no aspecto musical, como nas letras, e que depois de umha época de resistência passamos a umha época de normalizaçom, onde cada vez há mais grupos que cantam em galego sem complexos, onde os grupos começam a gravar e a editar os seus discos, onde grupos que até o momento só cantavam em espanhol começam a cantar em galego....isto sempre é bom...apesar do que digam alguns.... onde a auto-organizaçom e a rede estám a jogar um papel muito importante, e assim é demonstrado em páginas como *sono-tone.net*, *aregueifa.net* ou *komunikando.net* que gozam de estupenda saúde e som visitadas por milheiros de jovens galegos todos os meses.

Ataque Escampe está formado por Roi Vidal (percussons, kazoo, harmónica, lixas, coros) -Miguel "abuelo" Mosquera (guitarra acústica, voz, coros) -Alex Charlón (voz, harmónica) -Samuel Solleiro (violim, guitarra acústica, melódica, coros) -Marco Gelpi (violim, guitarra acústica, guitarra eléctrica, acordeom, trombom de série b, trompeta, tubullars) -Francesc Esteve "Paco" (acordeom, guitarra acústica).

Se queres ouvi-los visita o seu *myspace.com/ataquescampe*, certeza que ficarás seduzido.

COPISTERIA T44
FOTOCOPIAS
PAPELERIA
ENCADERNACIONS
SANTIAGO
*REPÚBLICA ARXENTINA Nº 44-B
TELF. FAX: 981 592 626
*RUA SAN ROQUE Nº 31-B
TELF. FAX: 981 566 896

CASA DAS CRECHAS
Via Sacra, 3 - 15704 Compostela
info@casadascrechas.com


MARQUEE MOON
Rua Damas (Zona María Pita)
Vinilos, CD's, camisetas por encargo...

ARREDEMO
A rede de acción sociocultural
HOSTING PARA PROXECTOS SOCIO-CULTURAIS
ASÓCIATE EN
www.arredemo.info

A GALIZA NATURAL



Víboras de Ofiússa

"Chamado primeiro Oestrimnis, por os Oestriminis habitarem aí lugares e campos, posteriormente um sem número de serpentes afugentou os moradores e deu o seu nome à terra deserta." (Ora Maritima, Rufus Avienus Festus, Séc. IV)

JOÃO AVELEDO / Houve desde as origens semíticas da civilização ocidental uma identificação das serpentes com o mal e ainda existe entre nós um terror atávico e indiscriminado para com elas, embora só duas das oito espécies galegas de Ofídios constituam um perigo real para os humanos. Falamos das víboras.

A víbora-de-Seoane (*Vipera seoanei*) foi descrita pola primeira vez em 1879 como *Vipera berus seoanei*, quer dizer, como subespécie da víbora-europeia. Já em 1976, estudos mais exaustivos permitiram a sua classificação como espécie diferenciada. Foi baptizada em homenagem ao grande naturalista ferrolano Vítor Lopes Seoane (1834-1900). Endemismo do Norte da Península, a área de distribuição abrange fundamentalmente a Galiza, alargando-se ainda polo extremo Norte de Portugal e a região cantábrica. Na Galiza é uma espécie comum que frequenta todo o tipo de habitats. O tamanho raras vezes supera os cinquenta centímetros, o corpo é grosso e tem a cabeça triangular, característica viperina que dá nas vistas e permite a sua diferenciação das inofensivas cobras.

A víbora-comuda (*Vipera latastei*) é espécie mediterrânica muito rara no nosso país, encontrando-se apenas na área sul-oriental (Jurês, Invernadeiro, Gudinha, Luvião), sempre acima dos 800 m. De aspecto e tamanho similar à anterior, diferencia-se polas suas cores e, nomeadamente, porque no extremo da cabeça tem um focinho muito prominente e conspícuo em forma de corno.

Nas víboras o aparelho inoculador do veneno consiste num sofisticado sistema de injecção denominado dentição solenoglifa, que se compõe de dous dentes retrácteis, localizados na parte anterior da boca em comunicação directa com as glândulas venenosas. Este veneno é neurotóxico, hemotóxico, cardiotóxico e alergénico. No entanto, a mordedura raramente é mortal ou até mesmo grave, sendo as crianças e pessoas de idade avançada os dous grupos em que pode ser mais perigosa. A principal recomendação preventiva consiste em utilizarmos um calçado adequado nos nossos passeios polo campo durante os meses de bom tempo. No caso de sofrer uma mordedura deveremos manter a calma, imobilizar, no possível, a zona afectada e acudirmos rapidamente a um posto médico. Não é recomendado sugar o veneno!!!

Conta-se na *Ora Maritima*, que os Oestriminis, povoadores autóctones do nosso país, foram expulsos por uma invasão de serpentes. Estas talvez não fossem outras que as hordas de Saefes, os primeiros celtas galaicos, gentes ofiolátricas (adoradoras dos Ofídios). A terra que eles habitaram foi chamada polos gregos de *Ophiussa* "Terra de Serpentes".

A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

A trindade do prazer pessoal: *Pornografia-Fantasia-Erótica*

BEATRIZ SANTOS / A fantasia é parte importante da erótica da pessoa. A fantasia erótica, tanto mais rica quanto mais componentes ilícitos, proibidos, perversos, imundos... a integrarem, diferencia-se do desejo. Aquela nom forma parte da conduta e portanto nom tem lugar próprio no espaço dos desejos, é pessoal e intransferível, nom nasce para se compartir eróticamente.

Tentar levar as fantasias à 'realidade' implica poucas satisfaçons e costuma ser mais bem frustrante. Fora do espaço da realidade fantástica, o seu espaço natural, as fantasias perdem sentido e podem inclusive ser conflitivas. Nom há que pedir-lhes o que nom som, nom há que exigir-lhes umha satisfaçom na realidade de um encontro erótico em que tanto este como a própria fantasia correm o risco de se estragarem. Ainda que, é certo que escrever ou contar as fantasias pode ser um modo excelente de contribuir a enriquecer a fantasia alheia e alentar (que nom imitar) a erótica partilhada.

Os universos pessoais permitem violar as 'normas' sem limite, exceptuado o da própria fantasia. *A fantasia é mais viva e atractiva que a conduta*. Nom cabem interpretaçons simplistas nem psicoanalíticas, simplesmente outorgam espaço ao desfrute; nom é pouco.

A Pornografia tem por funçom alimentar a fantasia. Nom se pode pedir à porneia que sirva de matéria pedagógica para o *Ars amandi*. Pornografiar a nossa vida erótica pode dar-nos mais de um desgosto e nom poucas frustraçons eróticas, ademais de algumha importante dor física. E pode ser, sobretodo, um soberano aborrecimento. No entanto, há um espaço onde a porneia pode brilhar, e esse é o da fantasia erótica.

LÍNGUA NACIONAL

2084

VALENTIM R. FAGIM

◆

1707. Decreto de Nova Planta no Reino de Aragom que PROÍBE o uso do catalám na escola, nos tribunais civis e eclesiásticos, nos livros de contabilidade empresarial e no teatro.

1857. A Lei Moyano torna o ensino primário em universal e IMPOM a língua castelhana como a única a ser estudada.

1923. Umha das primeiras iniciativas do general Primo de Rivera, após o Golpe Militar, é a OBRIGAÇOM de usar unicamente o castelhano no ensino público e privado.

1978. A Constituiçom espanhola estabelece umha hierarquia entre as línguas do Reino. O castelhano é a única que os cidadaos tenhem a OBRIGA de conhecer. O resto ficam-se em direito.

2008. Umha responsável de Galicia Bilingue queixa-se de os livros de geografia em galego mudarem o nome dos rios. O conseller de educació valenciano afirma que o seu departamento prefere potencializar o inglês antes do que outra língua estrangeira (refere-se ao catalám). Um inquérito de um jornal espanhol mostra que metade dos questionados acham que ensinar galego, catalám ou basco na Andaluzia é NEGATIVO.

2084. Dous meninos discutem acaloradamente no tempo do recreio. A dada altura um deles, preso da maior das iras, deixar fugir um palavrom em qualquer jargom estranho. Palavra puxa palavra e o outro grita: Bilíngue!! ao qual retruca o primeiro: BILINGUE TU! .

CINEMA PARA PENSAR

Nem um a menos

F. TRAFICANTE / Um dos referentes do cinema chinês das duas últimas décadas. Agora que se reeditou em DVD com a possibilidade de vê-lo na versom original legendada na nossa língua, penso que é um filme a nom perder. Afasta-se do cinema histórico de Zhang Yimou para apresentar parte da sociedade chinesa actual, nomeadamente a rural na escola. Apresentam-se as enormes carências materiais da China mais afastada dos grandes centros económicos. A história começa quando o mestre, que atende umha escola com alunado de diferentes idades, tem de ir em embora. Perante a ausência de mestres, encarrega-se das crianças umha rapariga de treze anos, que sabe as quatro regras, escrever e pouco mais. Isso sim, o empenho em atender as crianças faz com que quase consiga que nom vaia nengumha delas trabalhar para ajudar as precárias economias familiares. Mas um deles acabará por ir para a cidade e aí começa a ganhar mais interesse o filme. Observamos como as dificuldades que enfrentam colocam questons práticas que terám que ser resolvidas com problemas de matemática na própria escola, que supom umha autêntica escola de vida, onde as crianças vem a necessidade de conhecimentos para desenvolver-se na vida. Mas é que nessa busca, a menina-mestra é a guia que serve para amostrar-nos o profundo contraste entre a China rural e urbana. Dous países num só, ainda que sempre com certa humanidade quando as pessoas chegam a falar. De facto, a menina é vista como alguém que precisa ajuda, mas a quem só se lhe pergunta com respeito que é o que quer ou pretende. Grande parte das pessoas aconselham-na sem pretender sermoneá-la. Um filme muito interessante também para observar as profundas diferenças entre a mentalidade ocidental e a oriental, sem que nengumha seja melhor que a outra. Só parecem partir de princípios vitais e filosofias de valores diferentes. Após ver este filme talvez entendamos um bocado melhor estes já compatriotas nossos quando vamos a um restaurante chinês, em vez de julgá-los como herméticos e frios. E dá-nos algumhas chaves sobre a situaçom real da China actual, quando menos nas suas regions mais remotas.

DESPORTOS

BILHARDA ALL STARS-08

Mates e varados contra o imperialismo!

XERMÁN VILUBA / Confirmaçom absuluta no bilharda All Stars 2008 da imparável revoluçom bilhardeira impulsionada polos palanores e palandoras da LNB com o horizonte posto no gram Play Off final que se vai desenvolver na alameda de Compostela e que está marcado para o dia 25 de Maio. Combatendo as laganhas, a tribo do leste cruzava a já mítica costa da Maradona na Marinha de Lugo para se adentrar plenamente em território dominado polas tribos xarutas, electrónicas, filhoas de sangue, quer dizer, adentráva-se no grande repto de manter a invencibilidade num All Stars que se esperava a cara de cam entre duas conferências profissionais que mantenhem liga regular.

A Pista da Sapateira fervia com a chegada da expediçom do leste, todo estava pronto e, despois de vestir as camisolas e desenterrar os machados, os combinados do leste e oeste preparárom-se para ouvir o, já



A Pista da Sapateira fervia com a chegada da expediçom do leste

CONFIRMAÇOM ABSULUTA NO ALL STARS 2008 DA IMPARÁVEL REVOLUÇOM BILHARDEIRA IMPULSIONADA POLOS PALANORES E PALANDORAS DA LNB COM O HORIZONTE POSTO NO GRAM PLAY OFF FINAL QUE VAI TER LUGAR NA ALAMEDA DE COMPOSTELA O DIA 25 DE MAIO

estabelecido, hino oficial da LNB, de Genebra à Sapateira resoava no Pavilhom o tema A Bilharda, da crew galego-helvética de **Mafia Gallega**, lágrimas contidas nos olhos dos palanadores e palandoras com gargantas abertas de siareiros e jogadores que berravam Galiza mentres apretavam os punhos.

Arranque espectacular do Oeste que deixava o combinado do Leste marginado nos dous grupos em luita. Mas a veterania do combinado leste dirigido por David Dias ao final aplacou, ainda que nom sem apuros, o emergente combinado do oeste onde debutava como treinador o corunhês Lois Fontam. Concurso de varados ganhado por Daniel, dos Bilhardeiros Musicais, e um espectacular e inaudito concurso de mates que ganhou Hugo, também dos BM, pugérom o ponto final na pista ao explosivo All Stars 2008. Comida de fraternidade posterior em que se reunificavam as duas Galizas enfrentadas na pista ao redor da mesa. Copa, chupinho e café para todos e todas as que apoiam e desfrutam um desporto tam poderoso. *Avanti popolo, avanti LNB!*

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 692 060 607
NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

☐ Subscriçom + livro = 30 € ☐ Subscriçom anual = 24 € ☐ Assinante Colaborador/a = ___ €

Nome e Apelidos _____ Telefone _____

Endereço _____ C.P. _____

Localidade _____ E-mail _____

☐ Nº Conta _____

☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura











O protagonismo da animaçom reinvindicativa correspondeu a Siareiros Galegos, que decorárom o pavilhom, entrevistárom os jogadores da Irmandinha nos dias prévios ao jogo, e animárom muito contra o Uruguai

Um debute exitoso da Galiza no futsal

NGZ / Continua o debute das selecçons nacionais ao longo do nosso País, bem que com a oficialidade ainda longe. Ferrol foi a cidade escolhida para a estreia do combinado de futsal, que enfrentou o Uruguai. Nem mais nem menos que 6-1 foi o resultado definitivo em favor dos nossos, com protagonismo goleador de jogadores do Parrulo de Ferrol (Pana), do Ourense (Vivian) e do Lobelhe compostelano (Manu).

A claque puido viver um jogo de futsal no seu estado puro: rapidez na combinaçom, demonstraçom técnica e definiçom num alto nível.

Tampouco devemos esquecer o que há para além do desporto. A reivindicaçom ganhou o seu oco: o colectivo de trabalhadores dos centros desportivos da Corunha interrompêrom o jogo para reivindicarem o seu primeiro convénio.

FUTSAL NO SEU ESTADO PURO: RAPIDEZ NA COMBINAÇOM, DEMONSTRAÇOM TÉCNICA E DEFINIÇOM NUM ALTO NÍVEL

Como sempre, o protagonismo da animaçom reinvindicativa correspondeu a Siareiros Galegos, que decorárom o pavilhom da Malata, entrevistárom os jogadores da Irmandinha nos dias prévios ao jogo, e animárom muito contra o Uruguai. Umha atitude de que nom gosta demasiado a polícia espanhola, que decidiu entrar no pavilhom ao finalizar o encontro para repartir paus contra activistas desta plataforma pró-oficialidade. Segundo testemunhas presenciais, as agressons acompanhavam-se de frases ameaçantes, do estilo de "a ti ya te teníamos ganas".

Selecçons galegas de atletismo batem forte

NGZ / O Campionato Estatal de Campo Através, celebrado em Cuenca a meados de Março, trouxo sucessos e polémica abundante. Na categoria feminina, graças às intervençons de Sandra Mosquera, Paula Mayobre e Maria Martínez, a nossa selecçom colocou-se no terceiro posto por autonomias.

Em categoria absoluta, o atleta compostelano Suso de la Fuente demonstrou o seu estado de forma, ficando a poucos minutos de conseguir a medalha de bronze. Surpreendentemente –e aí irrompeu a polémica- nom foi convocado para o mundial com a selecçom espanhola, ao contrário que outros competidores que ficárom pior classificados em Tarancón.



Por trás de Suso de la Fuente entrárom em meta Manuel Hurtado e Carlos Villamor. Foi mais chamativa a retirada de Pedro Nimo e Lolo Penas, duas das figura mais consagradas do fundo galego.

Desde já, Vigo terá voleibol de primeira

NGZ / A falta de duas jornadas para o remate da liga, Vigo já tem equipa na superliga estatal. O Clube Vigo Voleibol Valery Karpin derrotou na casa a Ermita Textil Santanderina, o que a catapultou a primeira, graças também à derrota do seu rival directo. O Lleida perdera na cancha do Puerto Real, e assi os vigueses conseguiam coar-se no ascenso. A ajuda do público complementou-se com o esforço dos jogadores de Pablo Alonso, que partiam de um início de época mais bem fraco.

O Lleida acabava de perder na cancha do Puerto Real por 3-0. Nesse momento o público começou a animar, porque ganhando o Vigo, o ascenso era certo.

O partido acabou com um 3-0 para o Valery karpin que, ao acabar o encontro, começou a celebrar o regresso à máxima categoria do voleibol estatal.



O objectivo desta campanha estava conseguido. Porém, nom se pode dizer que as cousas chegárom soas, porque os moços que treina Pablo Alonso tivérom que enfrentar um início de época nom mui bom, que finalmente acabou da melhor maneira.

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubríndose a Historia da nosa nazón, divulgándoa e póndoa en valor.

No último número apreséntase unha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradición e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do Leabar Gabhala **que reproduce o último número de Murguía, RGH...**

Nome Apelidos
Enderezo
Localidade CP Teléfono
Solicito: Subscrición Máis Información
Enviar á **Murguía, Revista Galega de Historia**: Apartado de Correos 755 15.703 Compostela
ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68



Subscríbete! www.revistamurguia.com

NOVAS DA GALIZA
APARTADO 39 (15701) COMPOSTELA - GALIZA / TEL: 630 775 820 / PUBLICIDADE: 692 060 607 / info@novasgz.com

OPINIOM	2	A FUNDO	11
EDITORIAL	3	REPORTAGEM	14
NOTÍCIAS	4	CULTURA	16
REPORTAGEM	9	DESPORTOS	18



PEPE CASAS | PORTA-VOZ DO FORO 'TEMOS DIREITO A SABER'

"Meio Ambiente quer converter o Ribeiro na grande lixeira do sul da Galiza"

ANDRÉ CASTELEIRO / O Foro do Ribeiro, Temos Direito a Saber, nasce há agora um ano (Março de 2007) quando a vizinhança desta comarca ourensana toma conhecimento da construçom que "em princípio soava bem" mas que se tem convertido no seu principal quebra-cabeças. O NOVAS DA GALIZA, contactou o seu porta-voz, Pepe Casas.

Pepe, o que vem a ser o parque meio-ambiental de Carvalheda d'Ávia?

Na verdade, parque meio-ambiental é um eufemismo. O que se vai construir entre Carvalheda e Riba d'Ávia, é umha central de resíduos industriais, umha enome lixeira do sul da Galiza, numha comarca que paradoxalmente vive de outras ocupaçons, as termas, o vinho ou o turismo rural, agora ameaçados por umha central de 850000 m² que ocupará ambas as margens da A-52 (Vigo-Benavente).

Logo, da Conselharia agiram com desinformaçom, nom é?

A Conselharia do Meio Ambiente ligou para nós tentando apaziguar, mas mostrou-se inflexível perante os nossos pedidos, e isso que já procuraram a localizaçom para a planta, sem fixarem um plano de resíduos industriais coerente, com reduçom em origem, compostagem doméstica racional, ou repartindo corresponsavelmente os tratamentos dos resíduos. Habitaçom e Solo falou-nos mui bem antes das autárquicas, mas a seguir nem atendeu às 4.000 assinaturas contra a Central.

Em que momento se encontra o projecto?

Nom sabemos muita cousa, nós só nom queremos hipotecar o nosso futuro, é tanto o que pedimos? Vimos casos paralelos no Estado espanhol e nom há tal panaceia para o emprego que é o que nos vende o conselheiro. Olha se há desinformaçom, que ICEASA, a empresa à qual adjudicaram a construçom do parque meio-ambiental; perguntou se era necessária avaliaçom ambiental estratégica e esta notícia aparecia num cantinho da web da Conselharia. Nós achamos que é imprescindível avaliar um projecto que prevê núcleos povoados a menos de 2.000 m², mas figemos 900 observaçons e continuamos à espera.

O passado 17 de Fevereiro, Galiza Nom Se Vende saiu à rua, enchendo Compostela. Como valorizades esta rede?

Quanto à manifestaçom que aludes, mui positiva; se repararmos no pouco publicitada que estivo, à imprensa nom lhe interessa ver-nos organizados à margem da política. Quanto a Galiza Nom Se Vende, nós achamos que responde à ameaça comum que sofre o País em termos meio-ambientais. Pessoalmente, tivem ocasiom de conhecer de primeira mao o desafio que implica o plano aqüícola em Camarinhas, mui prejudicial para os interesses dos vizinhos como prejudicial é para nós a Central de Carvalheda. GNSV é um fórum cívico que se demonstra mui necessário para o que acontece na Galiza.

Democracia e saco

◆

XURXO BORRAZÁS

◆

"A novela é um saco em que cabe todo" dizia Baroja. Bem, cabe todo... *o que couber num saco*. É como todo; por exemplo a democracia. Segundo o carpetovetónico nacionalismo espanhol, em democracia pode-se defender qualquer ideia, sempre que nom chocar com o sentido comum. Isto há que explicá-lo.

A autodeterminaçom, por exemplo, choca, por isso se ilegalizam todas as siglas do abecedário basco. Fecham-se meios e os jornalistas vam ao cárcere os anos suficientes como para estudar outro curso antes de saírem. Nom, Jiménez Losantos nom, ele polo visto nom choca.

Fecham-se bares e asociaçons com sentenças sem dous dedos de legalidade. Porquê? Porque chocam. Se alguém chora por um familiar preso, também o prendem: o cárcere sim que é um saco em que cabem todos, e para fazer sítio deixam-se fora maltratadores, polícias corruptos ou capos do crime organizado.

Pode-se defender qualquer ideia, mas o plano Ibarretxe nom. Muito envolver-se na constituiçom e depois vem a Lei de Partidos com o saldo, suspendendo à discriçom os direitos individuais e colectivos dos independentistas. Opinar livremente sim, mas *El Jueves* nom, queimar fotos ou bandeiras nom.

Os que opinem como eu, *em princípio*, podem ser eleitos e opinar, por exemplo os genocidas do Iraque ou a Igreja précavernária que vulnera a colecçom completa dos direitos fundamentais. Ou Ynestrillas, ele nom defende a violência, simplesmente a pratica. Ynestrillas é irrelevante, dirá-se, quatro 'chainhas' sem base social. Certo, o que se condena em Euskal Herria é o apoio social.

Que porque falamos de Euskadi e nom da Galiza? Se calhar porque aqui o saco, a novela, é unha novela rosa e nela só cabe o que cabe numha novela rosa. Nom se precisa nem saco, basta com um escapulário.